

MARÇO/ABRIL/2026

D-ARTE

#39

AVALIE
NOSSO
PROJETO

Rir é Resistência



Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA



"PROJETO APROVADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA – GOVERNO DO PARANÁ,
COM RECURSOS DA LEI PAULO GUSTAVO, MINISTÉRIO DA CULTURA – GOVERNO FEDERAL"



Pensamento Livre

APOIO:



BATUQUE
NA
CAIXA

I.C.A.B.

Instituto Cultural Arte Brasil



Ronilson Rony



Wilson Inacio - Arte & Design



Lei
**Paulo
Gustavo**

Juntos para a cultura resistir

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

A Revista D-ARTE, surge como um ambiente interativo, dedicado as mais variadas formas de expressões artísticas, no intuito de fomentar, disseminar e divulgar a arte e a Cultura brasileira. Artistas, músicos, fotógrafos, poetas, escritores, professores e entusiastas das artes; podem nos enviar trabalhos para divulgação em nossas edições. Nosso objetivo é de maneira democrática, manter este espaço aberto, como forma de comunicação, entre artistas, obras e público. As opiniões expressas aqui e o conteúdo apresentado, não representam necessariamente a opinião da revista, que apenas cumpre o papel de publicação dos mesmos. Nosso muito obrigado!

Nossas Redes:

<https://www.instagram.com/dartelondrina/>

<https://www.facebook.com/>

Expediente:

Editor Chefe - Wilson Inacio

Jornalista responsável: Aldo Moraes

Marketing e Relações Públicas: Ronilson Rony

Projeto Gráfico e Diagramação: Wilson Inacio

ISBN - 978-65-999129-0-0

Prezado leitor,

É com um misto de saudade e esperança que a Revista D-arte apresenta esta edição especial. De um lado, celebramos a trajetória meteórica de Paulo Gustavo, um menino de Niterói que transformou o cotidiano em arte e se tornou um dos maiores fenômenos nas bilheterias do cinema brasileiro. De outro, analisamos o instrumento mais poderoso que o Estado brasileiro já criou para fomentar a cultura: a Lei Complementar nº 195/2022, que carrega seu nome.

A história de Paulo é a história da alegria brasileira. A história da Lei Paulo Gustavo (LPG) é a história da resistência dessa alegria. Em um momento em que o país enfrentava uma crise sanitária sem precedentes e um governo que sistematicamente desvalorizava a cultura, a sociedade civil se organizou para garantir que o setor mais afetado pela pandemia tivesse um fôlego.

Nesta edição, vamos aos fatos. Dos números impressionantes da carreira de Paulo aos mais de R\$ 3,8 bilhões distribuídos pela LPG, e, claro, aos entraves políticos que tentaram impedir que esse dinheiro chegasse a quem faz a cultura brasileira pulsar. Boa leitura.

A Redação



PAULO GUSTAVO (1978-2021)

Uma Vida Feita de Palco e Tela

A gênese de um comediante

Paulo Gustavo Amaral Monteiro de Barros nasceu em Niterói, Rio de Janeiro, em 30 de outubro de 1978. Criado em uma família de classe média, estudou no tradicional Colégio Salesiano.

Formou-se em artes cênicas pela Casa das Artes de Laranjeiras (CAL) em 2005, onde teve como colegas Fábio Porchat e Marcus Majella .

Sua estrela começou a brilhar em 2004, na peça Surto. Foi ali que nasceu, de forma despreziosa, a personagem que mudaria sua vida: Dona Hermínia. Inspirada em sua própria mãe, a Dona Déa Lúcia, a figura da dona de casa de meia-idade, à beira de um ataque de nervos, caiu imediatamente no gosto do público .

Dona Hermínia e o fenômeno nacional

Em 2006, estreou o monólogo Minha Mãe É uma Peça, escrito por ele, que lhe rendeu uma indicação ao Prêmio Shell . O sucesso nos palcos era apenas o prenúncio do que viria. Em 2013, a adaptação cinematográfica chegou aos cinemas e se tornou o filme mais assistido do ano no Brasil .

A franquia se consolidou como um fenômeno inédito:

- Minha Mãe É uma Peça 2 (2016): vendeu mais de 9 milhões de ingressos.
- Minha Mãe É uma Peça 3 (2019): ultrapassou a marca de 11 milhões de espectadores, tornando-se a maior bilheteria da história do cinema nacional,

com uma renda bruta de R\$ 143,9 milhões .

A trilogia, somada, vendeu cerca de 26 milhões de ingressos, um recorde que consolidou Paulo Gustavo não apenas como um ator, mas como um fenômeno popular que dialoga com todas as classes e idades .

Além do cinema, Paulo dominou a televisão no Multishow com os programas 220 Volts, Vai que Cola e A Vila, e estrelou sucessos como Minha Vida em Marte .

Amor, família e representatividade

Em 2015, casou-se com o dermatologista Thales Bretas . Em 2019, após perderem os primeiros gêmeos em um aborto espontâneo, o casal realizou o sonho da paternidade com o nascimento de Romeu e Gael .

A sua vida pessoal, vivida com naturalidade e amor, foi um ato político em tempos de crescente intolerância .

O adeus precoce e a comoção nacional

Em março de 2021, Paulo Gustavo foi internado com complicações da COVID-19. Após 53 dias de luta, utilizando até um “pulmão artificial”, ele faleceu em 4 de maio de 2021, vítima de embolia pulmonar e morte cerebral . Sua morte, no mesmo dia da abertura da CPI da COVID no Senado, simbolizou a tragédia que assolava o Brasil . Artistas, fãs e a população em geral mergulharam em luto, mas sua arte permaneceu viva, pronta para se transformar em política pública.



A LEI PAULO GUSTAVO

O Maior Investimento da História da Cultura

A comoção nacional pela morte de Paulo Gustavo deu força a uma pauta que já tramitava no Congresso: o auxílio emergencial para o setor cultural, um dos mais afetados pela pandemia.

Em 2022, foi sancionada a Lei Complementar nº 195, apelidada de Lei Paulo Gustavo (LPG).

A lei destinou R\$ 3,86 bilhões (recursos do Fundo Nacional da Cultura e do setor audiovisual) para estados e municípios aplicarem em ações emergenciais no setor cultural. Mas qual foi o real impacto disso?

Impactos Sociais

A LPG democratizou o acesso aos recursos públicos. Pela primeira vez, editais foram desenhados para alcançar aqueles que sempre estiveram às margens.

A lei exigia cotas e ações afirmativas para pessoas negras, indígenas, e outros grupos historicamente excluídos. Ela permitiu que uma costureira de fantasia de escola de samba, um contador de histórias de uma comunidade ribeirinha ou um produtor cultural periférico tivessem, pela primeira

vez, acesso ao fomento público, reconhecendo a cultura como um direito de todos e em sua diversidade.

Impactos Econômicos

Com a pandemia, artistas e técnicos ficaram sem trabalho. Shows cancelados, teatros fechados. A LPG injetou bilhões na economia criativa, gerando empregos diretos e indiretos.

Os recursos pagaram cachês, aluguel de equipamentos, contratação de serviços de áudio, vídeo, iluminação e segurança. Cada edital lançado movimentava a economia local de pequenas cidades, aquecendo o comércio e garantindo a subsistência de milhares de famílias que dependem da cadeia produtiva da cultura.

Impactos Culturais

Mais de 20 mil projetos foram executados em todo o Brasil. A lei financiou desde mostras de cinema e festivais de música até a preservação de patrimônios imateriais e a produção de conteúdo digital. Ela garantiu que a produção cultural não parasse, que os artistas pudessem registrar seus trabalhos e que a população tivesse acesso a conteúdo gratuito e de qualidade, reafirmando a cultura como um pilar essencial da identidade nacional.



DOS BASTIDORES DA LUTA

A Resistência Contra o Apagamento

Se a Lei Paulo Gustavo representa hoje um marco de incentivo à cultura, sua aprovação e implementação não foram um caminho fácil. Pelo contrário, foi uma verdadeira batalha política contra um governo que via a cultura como inimiga.

Durante a gestão do ex-presidente Jair Bolsonaro, o Ministério da Cultura foi extinto e a classe artística foi repetidamente atacada. Quando a lei chegou para sanção, mesmo tendo sido amplamente aprovada no Congresso, o governo impôs uma série de vetos que, na prática, tentaram esvaziar seu poder e atrasar o socorro aos artistas.

Os principais entraves e vetos propostos pelo governo Bolsonaro incluíam:

- Veto à Transparência e Distribuição Equitativa: O governo tentou alterar a forma como os recursos seriam distribuídos, criando obstáculos burocráticos que inviabilizariam o repasse rápido

e direto para estados e municípios. A intenção era concentrar o poder de decisão no governo federal, historicamente alinhado a um viés mais conservador, dificultando o acesso de artistas independentes e coletivos periféricos.

- Atraso na Regulamentação: Mesmo após a derrubada dos vetos pelo Congresso, o governo atrasou ao máximo a publicação dos decretos e portarias necessários para que os estados e municípios pudessem, de fato, pegar o dinheiro e começar a trabalhar. Esse entrave burocrático foi amplamente denunciado por gestores municipais e estaduais como uma “tática de esvaziamento” da lei.

- Perseguição Ideológica: O governo Bolsonaro sempre teve uma agenda de perseguição à chamada “identidade de gênero” e à diversidade sexual nos espaços culturais. Foi graças à pressão popular, à mobilização de artistas, produtores, governadores e prefeitos, e à derrubada dos vetos no Congresso Nacional, que a Lei Paulo Gustavo sobreviveu. O povo foi às ruas virtuais e reais dizer: a cultura não é privilégio, é necessidade.





PERSONAGENS E POBREZA: A ESTÉTICA DA SOBREVIVÊNCIA EM PAULO GUSTAVO E GLAUBER ROCHA

Um Ensaio Crítico

Quando pensamos na obra de Paulo Gustavo, imediatamente nos vêm à mente as gargalhadas, os bordões e as situações cotidianas levadas ao extremo. Quando pensamos em Glauber Rocha, pensamos em cinema de invenção, em sertão, em fome e em revolução. À primeira vista, nada mais distante. Mas é na contramão do óbvio que a Revista D-arte propõe uma leitura ousada: a obra de Paulo Gustavo pode ser interpretada à luz da Estética da Fome, manifesto fundamental de Glauber Rocha que, em 1965, revolucionou o pensamento cinematográfico brasileiro.

A ESTÉTICA DA FOME: O MANIFESTO DE GLAUBER

Glauber Rocha escreveu: “Enquanto a América Latina chora e sangra, a Europa e os Estados Unidos comemoram a mais refinada crise da arte moderna.”

Para ele, a fome não era apenas um tema, mas a própria estrutura narrativa do cinema latino-americano. A miséria, longe de ser exoticamente retratada, deveria ser a linguagem, a câmera na mão, o som precário, a narrativa fragmentada.

A estética da fome é, acima de tudo, uma estética da violência — a violência de um povo que sobrevive apesar de tudo.

Mas o que a fome do sertão tem a ver com os subúrbios de Niterói e os personagens de Paulo Gustavo?

OS PERSONAGENS DE PAULO GUSTAVO: UMA GALERIA DE SOBREVIVENTES

Paulo Gustavo criou um universo próprio, povoado por figuras que, sob a superfície do humor, carregam as marcas profundas da sociedade brasileira.



Analisemos seus principais personagens: Dona Hermínia (Minha Mãe É uma Peça)

A personagem-símbolo de Paulo é uma mulher de meia-idade, dona de casa, acima do peso, com casamento fracassado e filhos que a ignoram. Mora em um apartamento de classe média em Niterói, vive de renda do falecido marido (que a trocou por uma mais nova) e tem na comida e na reclamação seus únicos prazeres.



Dona Hermínia é a sobrevivente. Sobrevive à solidão, ao abandono afetivo, à invisibilidade social da mulher acima dos 50 anos. Sua violência é a violência da palavra — fala o que pensa, agride para não ser agredida, ri para não chorar. Ela é a “fome” de afeto, de reconhecimento, de existência.



Valdomiro Lacerda (220 Volts)

O apresentador de televisão decadente, preso a fórmulas antigas, tentando desesperadamente se manter relevante em um mundo que o substituiu. Valdomiro é a fome de sucesso, a fome de um lugar ao sol numa indústria que descarta seus ídolos. Seu terno puído, seu cenário precário, seu desespero por audiência — tudo isso é a estética da pobreza aplicada ao universo televisivo.



Divulgação/internet

Mulher feia

A ESTÉTICA DA PRECARIIDADE

Glauber dizia que a fome era a estrutura: a câmera tremia não por opção estilística, mas porque não havia tripé. Paulo Gustavo construía seus personagens não por escolha, mas porque aqueles corpos, aquelas vozes, aquelas existências são a realidade brasileira.

O RISO COMO ARMAS

Glauber usou a câmera e a montagem como armas de denúncia, Paulo Gustavo usou o riso. Mas não um riso fácil, de alívio. O riso que Paulo provoca é, muitas vezes, um riso incômodo. Rimos de Dona Hermínia porque ela é exagerada, mas também rimos porque reconhecemos nela nossas próprias mães, tias, vizinhas — e, talvez, a nós mesmos.

O riso, na obra de Paulo, é a violência do reconhecimento. É a mesma violência que sentimos ao ver Macabéa morrer em *A Hora da Estrela*, ou ao ver o sertanejo caminhando sem fim em *Vidas Secas*. A diferença é que, em Paulo, a tragédia vem embalada em piada.

Mas a piada não diminui a tragédia — pelo contrário,

a torna mais suportável e, paradoxalmente, mais real.

A POBREZA DA REPRESENTAÇÃO

Há ainda um outro nível de analogia. Glauber Rocha lutou contra a pobreza dos meios de produção cinematográfica no Brasil. Paulo Gustavo, em sua trajetória, também enfrentou a pobreza da representação — a falta de histórias que retratassem a classe média suburbana com honestidade, a falta de espaço para um corpo fora dos padrões na televisão brasileira.

Paulo construiu seu próprio cinema, com seus próprios recursos, à sua própria imagem e semelhança. Assim como Glauber, ele criou as condições de possibilidade de sua própria arte. Não esperou que lhe dessem espaço — tomou-o.

FOME QUE NÃO ACABOU

Em 2021, Paulo Gustavo morreu de COVID-19. Sua morte escancarou a fome de saúde, a fome de dignidade, a fome de políticas públicas que assola o Brasil. O país que riu com Dona Hermínia viu-se, mais uma vez, às voltas com a miséria real. E foi nesse contexto que a lei que leva seu nome

tornou-se a maior política de fomento à cultura da história do Brasil.

Glauber profetizou: “A fome não será curada pelo planejamento tecnocrático, mas sim pela revolução.” Talvez a Lei Paulo Gustavo não seja a revolução que Glauber sonhava, mas é, certamente, um ato de resistência contra a fome de cultura que o governo Bolsonaro tentou impor.

Ao vetar recursos, ao atrasar repasses, ao chamar a cultura de “supérflua”, o governo escancarou sua visão de mundo: um país sem arte é um país mais fácil de governar.

A ESTÉTICA DA ALEGRIA

Se Glauber propôs uma estética da fome, Paulo Gustavo nos legou uma estética da alegria. Mas alegria, em sua obra, não é alienação. É sobrevivência. É a capacidade de rir apesar da fome, apesar da invisibilidade, apesar da violência.

Os personagens criados por Paulo Gustavo, são nossos cangaceiros urbanos. Lutam suas guerras cotidianas com as armas que têm: o deboche, a reclamação, o amor compulsivo, a comida, a televisão. São personagens ricos de humanidade.

Paulo Gustavo, como Glauber Rocha, nos ensina que a arte brasileira não precisa pedir desculpas por existir. Precisa, isso sim, ocupar seu espaço — nas telas, nos palcos, nas leis, no coração do povo. E que venha a revolução — do riso, da arte, da vida.

O RISO EM ESTADO DE PRESSÃO

O stress é a matéria do nosso tempo. A compressão é a estética do século. Vivemos sob camadas — sociais, digitais, emocionais.

E alguns artistas não representam essa pressão. Eles a incorporam. Paulo Gustavo não produzia apenas humor. Ele operava no limite da saturação.

Seu corpo em cena era excesso. Sua voz era distorção. Sua presença era amplificação da vida cotidiana até o ponto de ruptura.

Stressionismo que compreende o sujeito contemporâneo como corpo tensionado — atravessado por expectativas sociais, normativas

morais, disputas identitárias e ruídos midiáticos.

Paulo Gustavo transformava essa pressão em performance. Não suavizava o stress — ele o expandia até torná-lo riso.

E o riso, ali, não era fuga. Era descarga.

Dona Hermínia, sua criação mais emblemática, não é apenas personagem popular. É organismo em ebulição. É mãe, é excesso, é cansaço acumulado, é grito comprimido em humor. Ela explode — e na explosão nos reconhecemos.

O Stressionismo afirma que a arte nasce da fricção entre corpo e sistema. Paulo Gustavo habitava essa fricção. Um artista LGBTQIAPN+ ocupando o centro da indústria cultural brasileira não é apenas dado biográfico — é tensão estrutural.

É presença que desloca, que força reorganização simbólica.

Seu teatro expandido para o cinema de massa, não foi só sucesso de bilheteria. Foi fenômeno de identificação coletiva. O Brasil não ria apenas da personagem. Ria de si mesmo comprimido.

Paulo Gustavo performava o sintoma nacional:

A família em crise.

O afeto tensionado.

A identidade negociada.

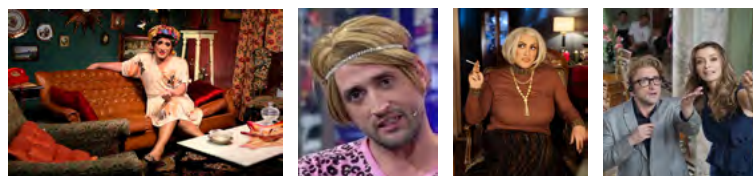
O corpo que precisa gritar para existir.

Sua estética era volumétrica — corpo ampliado, gesto ampliado, emoção ampliada. O riso, nesse contexto, torna-se mecanismo de sobrevivência psíquica.

Rir é equalizar a pressão.

Rir é reorganizar o caos interno.

Esta edição da D-arte não presta homenagem nostálgica. Propõe compreender o humor como campo de força. Como descarga elétrica. Como performance de tensão transformada em gargalhada.





Não as matem

de Lima Barreto

Não as matem

Esse rapaz que, em Deodoro, quis matar a ex-noiva e suicidou-se em seguida, é um sintoma da revivescência de um sentimento que parecia ter morrido no coração dos homens: o domínio, quando mêmê, sobre a mulher.

O caso não é único. Não há muito tempo, em dias de carnaval, um rapaz atirou sobre a ex-noiva, lá pelas bandas do Estácio, matando-se em seguida. A moça com a bala na espinha veio a morrer, dias após, entre sofrimentos atrozes.

Um outro, também, pelo carnaval, ali pelas bandas do ex-futuro Hotel Monumental, que substituiu com montões de pedras o vetusto Convento da Ajuda, alvejou a sua ex-noiva e matou-a.

Todos esses senhores parece que não sabem o que é a vontade dos outros.

Eles se julgam com o direito de impor o seu amor ou o seu desejo a quem não os quer. Não sei se se julgam muito diferentes dos ladrões à mão armada; mas o certo é que estes não nos arrebatam senão o dinheiro, enquanto esses tais noivos assassinos querem tudo que é de mais sagrado em outro ente, de pistola na mão. O ladrão ainda nos deixa com vida, se lhe passamos o dinheiro; os tais passionais, porém, nem estabelecem a alternativa: a bolsa ou a vida. Eles, não; matam logo.

Nós já tínhamos os maridos que matavam as esposas adúlteras; agora temos os noivos que matam as ex-noivas.

De resto, semelhantes cidadãos são idiotas. É de supor que, quem quer casar, deseje que a sua futura mulher venha para o tálamo conjugal com a máxima liberdade, com a melhor boa vontade, sem coação de espécie alguma, com ardor até, com ânsia e grandes desejos; como e então que se castigam as moças que confessam não sentir mais pelos namorados amor ou coisa equivalente?

Todas as considerações que se possam fazer, tendentes a convencer os homens de que eles não têm sobre as mulheres domínio outro que não aquele que venha da afeição, não devem ser desprezadas.

Esse obsoleto domínio à valentona, do homem sobre a mulher, é coisa tão horrorosa, que enche de indignação. O esquecimento de que elas são, como todos nós, sujeitas, a influências várias que fazem flutuar as suas inclinações, as suas amizades, os seus gostos, os seus amores, é coisa tão estúpida, que, só entre selvagens deve ter existido. Todos os experimentadores e observadores dos fatos morais têm mostrado a inanidade de generalizar a eternidade do amor. Pode existir, existe, mas, excepcionalmente; e exigi-la nas leis ou a cano de revólver, é um absurdo tão grande como querer impedir que o sol varie a hora do seu nascimento.

Deixem as mulheres amar à vontade.

Não as matem, pelo amor de Deus!”

Lima Barreto, 27-01-1915

Jornalista e importante escritor do início do século XX no Brasil, Afonso Henriques Lima Barreto foi um severo crítico dos preconceitos que marcavam a sociedade brasileira da época.



-Lima e Barreto

O escritor Lima Barreto (1881-1922) –

Fotomontagem Jornal da USP com imagens

de: Freepik; Wikimedia Commons



O MEC Livros é uma plataforma digital criada pelo Ministério da Educação para ampliar o acesso à leitura e ao conhecimento por toda a população. O portal oferece gratuitamente um acervo de 26 mil obras, garantindo que estudantes, professores e a população em geral tenham acesso a conteúdos técnicos e culturais.

São mais de mil obras de literatura em português, mais de mil livros sobre economia, além de exemplares sobre história, biologia, relações internacionais e educação em inglês, alemão, espanhol, francês e italiano.

O catálogo reúne diversas obras em domínio público, permitindo que leitores encontrem clássicos da literatura nacional e internacional, materiais pedagógicos e outros recursos educacionais. Desse modo, o MEC Livros busca incentivar a leitura e democratizar o acesso ao conhecimento.

- Objetivos

- Democratizar o acesso à leitura com a disponibilização de forma gratuita de um acervo digital para estudantes, professores e a população em geral;
- Oferecer livros didáticos, contribuindo para a aprendizagem e a formação de alunos da rede pública e privada de ensino;
- Difundir o patrimônio literário, permitindo que clássicos da literatura nacional e internacional alcancem um maior número de leitores;
 - Estimular o hábito da leitura e o interesse pelos livros;
 - Reduzir desigualdades no acesso ao conhecimento;
- Modernizar o ensino e promovendo a integração de novas tecnologias na educação.

<https://play.google.com/store/apps/details?id=br.gov.mec.meclivros>

Isto não é um avião.



Ceci n'est pas un avion.



Ceci n'est pas un avion

A guerra sempre foi também uma disputa de imagens.

Nos últimos tempos, circularam nas redes sociais relatos e imagens sugerindo que o Irã teria pintado aviões no chão para enganar bombardeios dos Estados Unidos. Segundo essas narrativas, mísseis teriam sido lançados contra simples representações — tinta no asfalto confundida com metal.

A história, no entanto, é falsa.

As imagens foram geradas por inteligência artificial. Os vídeos, deslocados de contexto. Não há confirmação de que tal estratégia tenha sido utilizada dessa forma.

Mas é justamente aqui que o episódio se torna interessante. Porque, embora falso como fato, ele é verdadeiro como sintoma.

A ideia funciona.

E funciona porque revela algo essencial sobre o nosso tempo: já não reagimos apenas ao real, mas às suas representações.

Essa não é, afinal, uma novidade histórica. Durante a Primeira Guerra Mundial, artistas foram convocados para criar sistemas de camuflagem, utilizando pintura, perspectiva e ilusão óptica para esconder estruturas militares. Na Segunda Guerra Mundial, operações como a Operação Fortitude levaram esse princípio ao extremo: exércitos fantasmas, tanques infláveis, aviões falsos e cenários inteiros construídos para enganar o inimigo.

A guerra sempre soube usar a arte.

O que muda agora é o meio.

Se antes a ilusão era pintada no território, hoje ela circula como imagem digital. Não é mais necessário enganar apenas o olhar do inimigo — basta ocupar o fluxo de informação.

É nesse ponto que a reflexão de René Magritte retorna com força. Em sua obra *La Trahison des images*, vemos um cachimbo acompanhado da frase: “Ceci n'est pas une pipe”.

Isto não é um cachimbo.

A afirmação não nega a imagem — ela a revela. Aquilo não é um objeto, mas sua representação.

Hoje, poderíamos dizer:

Isto não é um avião.

Mas talvez já não importe.

Porque, se a imagem é capaz de produzir reação — seja um bombardeio, seja uma onda de desinformação — ela passa a operar como realidade.

Curiosamente, essa lógica já havia sido sintetizada na cultura popular brasileira. Nos anos 90, a propaganda do biscoito Tostines perguntava:

“Vende mais porque é fresquinho ou é fresquinho porque vende mais?”

Uma tautologia perfeita. Um raciocínio circular onde causa e efeito se confundem.

Talvez estejamos diante da mesma estrutura:

A vida imita a arte?
Ou a arte imita a vida?

A fake news imita a estratégia militar?
Ou a estratégia militar inspira a fake news?

A imagem representa o real?
Ou o real passa a responder à imagem?

No fim, pouco importa onde começa.

Importa que o ciclo está completo.

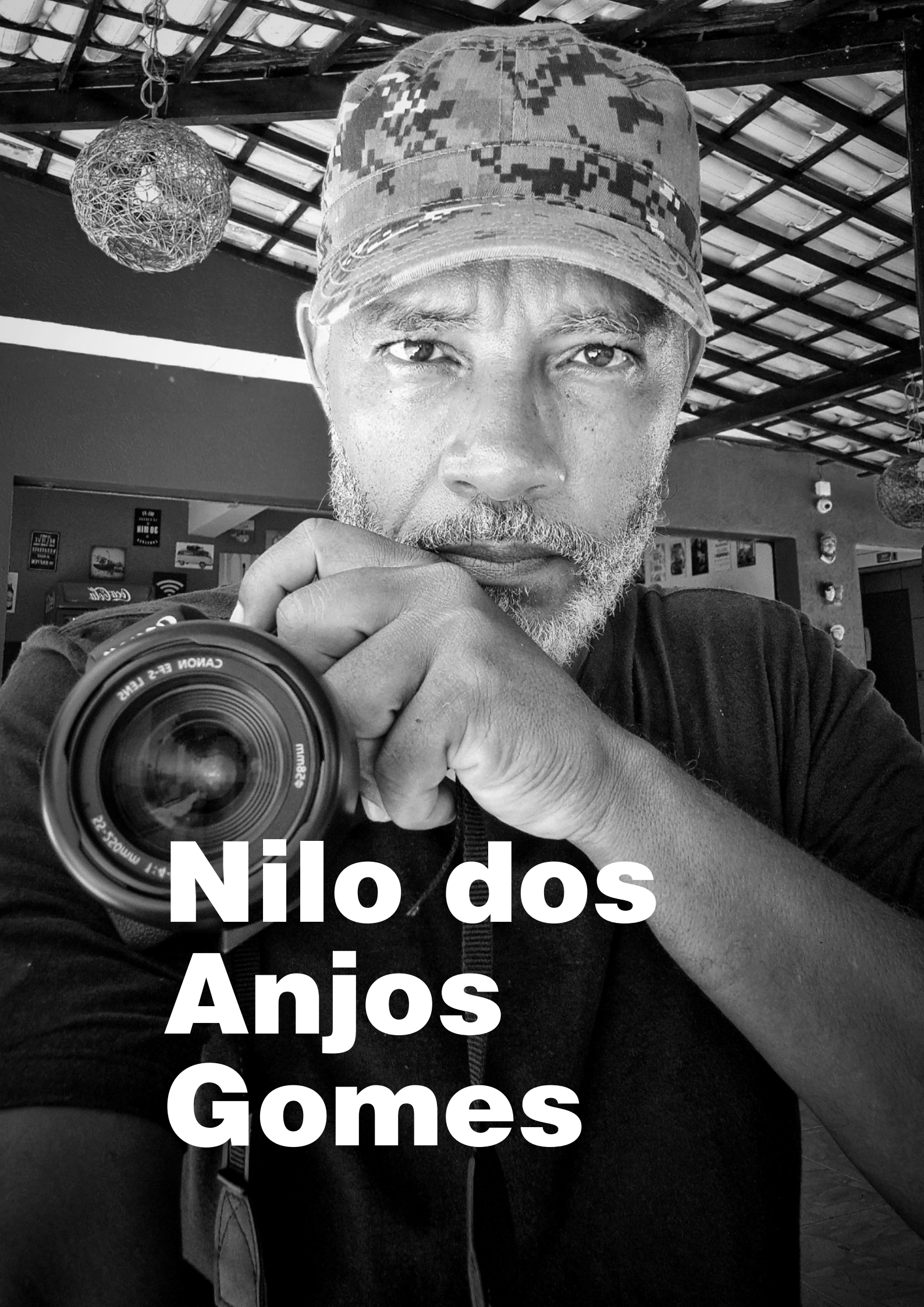
A história dos aviões pintados pode não ter acontecido — mas foi acreditada.

E, ao ser acreditada, produziu efeito.

Talvez esse seja o verdadeiro campo de batalha contemporâneo: não o território físico, mas o território simbólico. Um espaço onde imagens circulam mais rápido que mísseis, onde representações antecedem acontecimentos e onde a percepção decide o que é real.

Uma pintura não é um avião.
Mas pode ser tratada como um.

E, nesse ponto, já não estamos mais diante de um erro — mas de um sistema.



**Nilo dos
Anjos
Gomes**

Entrevista: Nilo dos Anjos Gomes

A Revista D'arte recebe o premiado fotógrafo documentarista Nilo dos Anjos para um bate-papo sobre arte, cultura, sociedade e história. Desde outubro de 2022, vive um projeto de longa duração às margens do Rio São Francisco, um trabalho que já rendeu sua primeira exposição solo e que define sua busca por um registro que vai além da imagem, tornando-se testemunho. O profissional tem vários destaques e passagens brilhantes pela imprensa nacional e recentemente foi finalista do Prêmio Portfólio FotoDoc 2025. Nilo conversou com Aldo Moraes especialmente para a Revista D'arte

Olá Nilo, é um prazer ter você nesta edição da Revista D'arte para conversarmos sobre arte, fotografia, sociedade e história. Fale um pouco sobre sua infância e como a fotografia entra em sua vida.

Minha infância foi comum de um menino de classe média baixa até os meus 12 anos. Depois disso, com a morte do meu pai, as coisas ficaram mais difíceis e a vida mudou de ritmo. Eu tive

uma infância muito boa. Cresci em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, em um quintal cheio de árvores frutíferas, cercado por primos e primas, sempre com gente por perto.

Minha avó fazia aniversário no mesmo dia que eu, 31 de dezembro, então era sempre uma grande festa. Não era só sobre nós dois, era fim de ano, Natal, Ano Novo, a família reunida. Aqueles momentos marcaram muito. Também lembro com carinho de datas como Cosme e Damião e a Páscoa. Era um tempo em que as coisas tinham um peso afetivo muito forte.

Meu pai chegou a ir ao programa do Chacrinha no dia em que nasci para receber um prêmio que ele estava oferecendo aos nascidos naquele dia. Ele levou o atestado com o horário do meu nascimento e voltou com o dinheiro, que ajudou a montar a casa. É uma história simples, mas que diz muito sobre aquele momento da vida deles.

Desde pequeno eu já era muito atento aos detalhes, aos gestos das pessoas e aos pequenos acontecimentos do cotidiano. Gostava de observar e também de questionar. Me fazia perguntas sobre coisas que nem sempre tinham resposta, como imaginar como seria se não existisse nada.





A fotografia, no entanto, não entrou na minha vida de forma imediata. Meu tio Nilson tinha uma câmera Yashica, daquelas que se seguravam na altura do peito, olhando por cima. Aquilo me chamava atenção, mas não despertava paixão. Pelo contrário, a fotografia analógica era frustrante para mim. Poucas poses, custo alto, espera para revelar e, muitas vezes, decepção com o resultado. Fotos cortadas, desfocadas, com flash estourado. Eu gostava mais de ver fotos do que de fazer.

A fotografia passou a fazer sentido para mim com a chegada do digital. Poder ver o resultado na hora mudou tudo. Isso, para mim, foi decisivo. Enquanto muitos têm uma relação nostálgica com o analógico, eu sempre vi valor nessa possibilidade de ajuste imediato.

Mais tarde, o Instagram teve um papel importante. Entrei em 2012, ainda sem entender muito bem o que era, e fui descobrindo aos poucos. Comecei a acompanhar pessoas, observar imagens e entender como aquilo poderia ser um espaço de expressão.

Foi através de um projeto chamado Rio365 que a fotografia realmente entrou na minha vida. A proposta era simples, desafios semanais com temas específicos, e as melhores fotos eram

selecionadas para publicação e para um livro ao final do projeto. Isso me deu direção.

Lembro da primeira vez que tive uma foto selecionada. O tema era obras de Oscar Niemeyer. Fui até a Casa das Canoas, consegui entrar e fotografar. Aquela imagem foi escolhida. Depois vieram outras. Aquilo consolidou algo em mim.

A partir daí comecei a estudar mais, fazer cursos, participar de concursos e exposições. Trabalhei com eventos, retratos, alimentos, tive estúdio. Mas em algum momento percebi que queria algo mais pessoal. Foi aí que a fotografia de rua e documental passou a fazer mais sentido para mim.

Experiências de vida

Quais experiências de vida mais influenciaram seu olhar fotográfico?

Acho que o desenho, a pintura, o cinema e a música tiveram grande influência no meu olhar.

Eu sempre gostei de desenhar, mas me faltava paciência e técnica. Isso me frustrava um pouco, porque queria que ficasse perfeito.

Com o tempo fui entendendo que talvez o que me atraía não era o resultado, mas o ato de observar. A pintura, o cinema e a música ampliaram isso.

O que mais me fascina, especialmente na fotografia, é o instante congelado no tempo. Ver uma imagem antiga e imaginar aquela pessoa, aquele momento que não volta mais. Mas hoje percebo que não é só o instante. É a relação dele com o ambiente.

A música também tem um papel forte. Às vezes ela influencia mais do que a própria imagem. Existe um ritmo, uma sensação que acaba atravessando o olhar.

Primeira fotografia decisiva

Você lembra da primeira foto que te fez pensar: “é isso que eu quero fazer”?

Não houve uma única fotografia que tenha definido isso. Foi um processo gradual.

O que me chamou atenção ao longo do tempo foi perceber o quanto uma imagem pode mudar com um corte ou com o tratamento. Isso passou a fazer parte do meu processo.

Mas acima de tudo, o que mais me fascina ainda é essa possibilidade de congelar o tempo e poder revisitá-lo depois.

Processo criativo

Como você se prepara antes de um ensaio — pesquisa, referências, conversa com o fotografado?

Procuro observar antes de tudo. Quando há pessoas envolvidas, gosto de entender o ambiente, conversar, sentir o espaço.

Na fotografia documental, tento interferir o mínimo possível. Existe pesquisa, mas não de forma rígida. Prefiro deixar espaço para o que o próprio lugar revela.

Planejo o suficiente para não desperdiçar oportunidades, mas deixo margem para o imprevisto. Muitas vezes o que realmente vale a pena está fora do que foi planejado.









Estética e linguagem

Seu trabalho tem uma identidade visual marcante. Como você definiria sua estética?

Não penso em estilo como algo que precisa ser construído de forma forçada. Busco coerência.

Durante muito tempo dei muito valor ao instante, mas hoje percebo que minhas imagens caminham mais para a relação entre as pessoas, o ambiente e as cores.

A cor, para mim, não é apenas estética. Ela organiza a imagem, cria tensão, direciona o olhar.

Nesse sentido, o trabalho do Walter Firmo me inspira bastante, principalmente pela forma como ele utiliza a cor como elemento estruturante.

Ainda assim, sinto que estou em busca dessa identidade. Ela está em construção.

A luz tem um papel central no seu trabalho. Como você constrói essa relação com ela?

A luz é fundamental, mas não isoladamente. Gosto da luz do amanhecer e do entardecer, como

a maioria dos fotógrafos, mas muitas vezes o que me interessa mais é o momento em si.

Um olhar, um gesto, um encontro, um detalhe inesperado.

Quando a luz encontra esse momento e valoriza a cena, aí sim acontece algo mais forte.

Técnica e prática profissional

Que erros foram importantes para sua evolução como fotógrafo?

Erros fazem parte. A frase do Cartier-Bresson sobre as primeiras 10.000 fotos faz sentido. Hoje é mais fácil chegar nesse número, mas a ideia permanece.

Com o tempo entendi que excesso de controle pode ser tão prejudicial quanto improvisado sem preparação. Os dois podem fazer você perder o que realmente importa.

Referências e inspirações

Pergunta: Quais fotógrafos, artistas ou movimentos mais influenciaram seu trabalho?



Tenho admiração por fotógrafos que mantiveram consistência ao longo do tempo. Henri Cartier-Bresson me marcou pela ideia do instante e da escolha. Vivian Maier pela forma como registrava o cotidiano de maneira quase invisível.

Marcio Scavone pela sensibilidade com as pessoas. Sebastião Salgado pela dimensão do trabalho e pelo olhar humano.

Ansel Adams pela exuberância de suas fotos de paisagem e pelo poder que elas transmitem. Mustafa Seven me influenciou a olhar mais para o preto e branco.

David Dubnitskiy pela delicadeza e construção estética, mesmo em propostas diferentes da minha. E, como mencionado, Walter Firmo, pelo seu olhar e pela maneira como estrutura a cor em seu trabalho. E existem muitos outros, alguns

conhecidos, outros não, que de alguma forma atravessam meu olhar. Procuro lidar com essas referências como diálogo, não como modelo.

O Rio São Francisco

Como foi chegar ao Nordeste e produzir a série sobre o Rio São Francisco?

Esse projeto nasce de uma decisão pessoal, em 2018, quando completei 50 anos.

A ideia era atravessar o país acompanhando o curso do rio acima, mas só consegui colocar em prática depois da pandemia.

Desde outubro de 2022 venho registrando diferentes regiões.

O projeto desde o início era sobre paisagem, pessoas, tempo e permanência.

O São Francisco entrou na minha vida muitos anos depois de eu já morar em Pernambuco, quando a fotografia já estava mais presente.

Atualidade da fotografia

Como você enxerga o papel da fotografia hoje, em um mundo saturado de imagens?

Vivemos um momento de produção massiva de imagens.

Isso reduz o impacto imediato de cada fotografia, mas aumenta a importância de trabalhos com intenção e consistência.

Mesmo com a presença da IA, o papel do fotógrafo continua sendo o de construir uma visão, um conceito ou uma proposta, talvez a fotografia documental, jornalística e de rua ganhem mais notoriedade pelo seu propósito particular muito específico.

A identidade e a intenção passam a ter mais peso.

Reflexão final

Se pudesse resumir seu trabalho em uma frase, qual seria?

Tento fotografar o que liga as coisas, não só as coisas em si.

<https://www.instagram.com/nilo2anjos/>







A close-up portrait of Pollyanna Sela, a woman with long, dark, wavy hair, smiling warmly at the camera. She is wearing a black turtleneck sweater and a thin necklace. The background is a plain, light-colored wall.

Pollyanna Sela

Divulgação

ENTREVISTA

Hora de conversar sobre arte e neuro divergência. A Revista D'arte recebe a turismóloga e musicoterapeuta Pollyanna Sela. Nascida em 1984, atua desde 2021 utilizando a música e a arte como ferramenta terapêutica para crianças com TDAH e o transtorno do espectro autista/TEA. Flautista e cantora, Pollyanna conversa com a Revista sobre arte, sociedade e terapia por meio da música

Olá Pollyanna é uma satisfação te entrevistar para a prestigiada Revista D'arte. Fale um pouco da sua formação e experiencia em turismo:

Bem, me formei pela Unopar em turismo com

ênfase em Hotelaria, sempre amei a empatia do bem servir... A hospitalidade é um quesito que eu admiro, a elegância me atrai então eu adquiri em minha formação e atuação prática, em agência de viagem e em hotel, foi muito prazeroso.

Como se interessou por musicoterapia:

Primeiro cheguei nas terapias holísticas e integrativas que me permitiram sentir o outro com mais profundidade, mas é preciso estudar as pessoas também como ciências exatas e a música é a mistura de razão e emoção, eu uni meus conhecimentos de música com a intenção de auxiliar na saúde saúde mental e comportamental, pois então realizei especialização para o público neurodivergente.

Quais os desafios da sociedade na relação cotidiana com a pessoa neuro divergente?

É uma readequação em atender e avaliar através da musicoterapia que é ciência, eu, utilizando recursos da Ciência ABA e modelo Denver para a soma de tudo e assim realizar todos os recursos em projetos e atendimentos.

Como a arte, a música e a espiritualidade podem ajudar nos desafios da pessoa neuro divergente?

A minha “pegada” com a espiritualidade e Arteterapia, como recurso de empatia para auxiliar quando as palavras, onde está, como está e como eu vou para onde eu vou e como eu vou, auxilia com tudo isso...

Deixe sugestões para os agentes culturais, produtores de eventos e nossos leitores sobre medidas de acessibilidade.

O público neuro divergente é composto por 1, 2 e 3 níveis de suporte, é sempre importante se atentar ao local separado de atendimento para que seja com poucos recursos de atenção (sala branca com sons baixos e recursos sensoriais), se ainda possuir pessoal com baixa visão ou cegos também possuir materiais em braille e libras enfim, a acessibilidade precisa ser construída e não montada para o evento específico, é o mais

adequado.

Redes sociais da entrevistada:

@pollyannasela

@pollyannamusicoterapeuta

@pollyannaarteterapeuta

LinkedIn:

https://www.linkedin.com/in/pollyannaselaterapeuta?utm_source=share_via&utm_content=profile&utm_medium=member_android



Julaine Guimarães

Desenvolvimento humano integral: corpo, mente, emoção e propósito

Uma visão integrada para mulheres que desejam viver com consciência e direção.

Vivemos uma era de excesso.

Excesso de informação.

Excesso de cobrança.

Excesso de comparação.

E, paradoxalmente, uma escassez profunda de conexão interior. Nunca se falou tanto em desenvolvimento pessoal.

Mas poucas vezes se compreendeu que o verdadeiro crescimento não acontece em partes isoladas, ele acontece na integração.

É impossível transformar a vida trabalhando apenas a mente.

É insuficiente cuidar apenas do corpo.

É superficial falar de propósito ignorando as emoções.

O desenvolvimento humano verdadeiro é integral.

E integral significa: corpo, mente, emoção e propósito caminhando na mesma direção.

Corpo: o primeiro território da consciência

O corpo não é apenas biologia, é memória.

A neurociência já demonstra que experiências emocionais ficam registradas não apenas no cérebro, mas também nas respostas fisiológicas.

Tensões musculares, fadiga constante, insônia, compulsões alimentares ou dificuldade de relaxar são, muitas vezes, sinais de sobrecarga emocional não processada.

Cuidar do corpo não é vaidade.

É autorregulação neural.

Quando uma mulher dorme melhor, se alimenta com consciência e movimenta o corpo, ela não está apenas melhorando a saúde física, está regulando o sistema nervoso, reduzindo cortisol e fortalecendo sua capacidade de tomada de decisão.

Um corpo equilibrado sustenta uma mente mais estável.

Mente: o espaço onde crenças moldam destinos

A mente é o campo das interpretações.

Não é o que acontece que define a vida de uma mulher, é o significado que ela atribui às experiências.

Desde a infância, formamos crenças sobre merecimento, capacidade, valor pessoal e segurança.

Essas crenças se tornam filtros automáticos.

Quando não são revisitadas, passam a decidir escolhas adultas de forma inconsciente.

A boa notícia é que o cérebro é plástico.

A neuroplasticidade nos mostra que novas conexões neurais podem ser criadas ao longo da vida.

Pensamentos repetidos constroem novas rotas mentais.

Novas ações fortalecem novas identidades.

Transformação não é milagre.

É treino.

Emoção: a energia que direciona escolhas

Emoções não são fraquezas.

São bússola.

Uma mulher emocionalmente desconectada pode ser produtiva, mas dificilmente será realizada.

Ignorar emoções não as elimina, apenas as desloca para o corpo ou para comportamentos compensatórios.

Inteligência emocional não é controlar o que se sente.

É reconhecer, compreender e escolher como responder.

Quando a emoção é compreendida, ela deixa de ser sabotadora e passa a ser aliada.

Propósito: direção consciente

Propósito não é algo místico.

É alinhamento.

É quando corpo, mente e emoção estão organizados o suficiente para sustentar uma direção.

Muitas mulheres dizem não saber qual é seu propósito.

Na maioria das vezes, o problema não é falta de propósito, é excesso de ruído interno.

Cansaço crônico.

Culpa constante.

Comparação silenciosa.

Autossabotagem disfarçada de prudência.

Quando há clareza emocional e mental, o propósito emerge com naturalidade.

Uma abordagem integrada

Desenvolvimento Humano Integral não é um método superficial de motivação.

É um processo estruturado que considera:

Regulação emocional

Reestruturação de crenças

Organização prática da vida

Construção de hábitos conscientes

Clareza de identidade e direção

Não se trata de acelerar resultados.

Trata-se de construir sustentação interna.

Uma mulher pode conquistar metas externas e ainda assim sentir vazio.

Mas quando há integração interna, cada conquista passa a ter significado.

Reflexão final

Talvez o que esteja faltando não seja mais informação.

Talvez seja integração.

Como está seu corpo?

O que sua mente repete diariamente?

Quais emoções você tem evitado sentir?

Sua rotina atual honra o seu propósito ou apenas sustenta obrigações?

O desenvolvimento humano começa quando a mulher decide parar de funcionar no automático e começa a viver com consciência.

Porque crescer não é fazer mais.

É alinhar-se melhor.

Julaine Guimarães

Especialista em Desenvolvimento Humano Integral

Educadora, escritora e mentora de mulheres que desejam reorganizar mente, emoções e vida prática por meio da inteligência emocional e da neurociência aplicada.

Julaine Guimarães

Você não esqueceu seus sonhos. Apenas aprendeu a silenciá-los!

Uma carta para a mulher que se deixou para depois.

Eu sei que você já foi cheia de planos.

Eu sei que houve um tempo em que seus olhos brilhavam quando falavam do futuro.

Você tinha ideias, projetos, desejos que pareciam grandes demais para caber no mundo.

Mas em algum momento, quase sem perceber, você trocou seus sonhos por responsabilidades.

Trocou planos por urgências.

Trocou a si mesma por todos os outros.

E começou a dizer:

“Agora não é hora.”

“Depois eu vejo isso.”

“Não é prioridade.”

Mas me permita dizer algo com delicadeza e verdade:

Você não esqueceu seus sonhos.

Você apenas aprendeu a silenciá-los.

E o seu cérebro tem explicação para isso.

A neurociência nos mostra que o cérebro não foi programado para a realização, ele foi programado para a sobrevivência.

Quando você vive frustrações, críticas constantes, comparações ou experiências emocionais dolorosas, o sistema límbico registra essas memórias como alerta.

Sonhar passa a significar risco.

Se expor passa a significar possibilidade de rejeição.

Tentar de novo passa a significar possibilidade de fracasso.

Então, sem que você perceba, seu cérebro escolhe o caminho mais seguro: manter você pequena, mas protegida.

Não foi falta de capacidade.

Foi excesso de proteção emocional.

Muitas mulheres que hoje vivem no automático já foram meninas criativas, curiosas e intensas.

Mas aprenderam cedo demais, que era mais seguro agradar do que se posicionar.

Que era mais aceitável servir do que liderar.

Que era mais prudente calar do que expressar.

O que acontece na sua infância, não fica na sua infância.

Vira padrão.

Vira crença.

Vira escolha adulta disfarçada de “falta de tempo”.

E assim nasce a mulher cansada.

A que resolve tudo.

A que sustenta todos.

Mas que por dentro, sente um vazio silencioso.

Talvez você tenha se tornado eficiente demais para continuar sensível aos seus próprios desejos.

Mas há algo poderoso que a ciência também confirma:

O cérebro é plástico.

Ele pode reaprender.

A neuroplasticidade mostra que novas conexões neurais são criadas quando escolhemos agir diferente, pensar diferente, sentir diferente, mesmo que seja em pequenos passos.

O mesmo cérebro que aprendeu a se calar pode reaprender a se posicionar.

O mesmo cérebro que aprendeu a sobreviver pode aprender a florescer.

Seus sonhos não morreram.

Eles apenas ficaram adormecidos sob camadas de responsabilidade, medo e cansaço.

E talvez você não precise de uma revolução.

Talvez precise de uma decisão interna.

De perguntar a si mesma, com honestidade:

Em que momento eu me deixei para depois?

E por que continuo fazendo isso?

Não é sobre abandonar suas responsabilidades.

É sobre não abandonar a si mesma enquanto as cumpre.

Você não é egoísta por querer mais.

Você não é irresponsável por desejar crescer.

Você não está atrasada.

Você está pronta.

Talvez o primeiro passo não seja grande.

Talvez seja apenas escrever novamente.

Estudar algo que você ama.

Dizer “não” onde sempre disse “sim”.

Reservar uma hora da semana que seja só sua.

Fazer algo por si mesma.

Então faça algo.

Porque cada pequena ação envia ao cérebro uma nova mensagem:

“Eu importo.”

“Meu sonho importa.”

“Minha voz importa.”

E quando isso começa a se repetir, novas conexões se formam.

Novas identidade se constroem.

Novas mulheres emergem.

Se hoje você sente que se perdeu, talvez não seja o fim da sua história, seja o início do seu reencontro.

Então eu lhe pergunto, com respeito e verdade:

Se você decidisse honrar a mulher que já foi, qual seria o primeiro passo que daria ainda esta semana?

Seus sonhos não desapareceram.

Eles estão esperando sua permissão.

Com respeito à sua história e confiança na sua força,
Julaine Guimarães

Instagram: [julainehui](#)

Especialista em Desenvolvimento Humano Integral
Educadora, escritora e mentora de mulheres em reconexão
com sua mente, emoções e com seus sonhos.

Bunker 04



A Bunker 04 é uma banda de rock oriunda de Campos dos Goytacazes (RJ) que vem ganhando destaque na cena independente ao propor uma sonoridade híbrida, que transita entre o grunge, o funk rock, o rap rock e o rock alternativo.



Formada por:

Gabriel Ribeiro (guitarra),
Lucas Silveira (bateria),
Maurício Ferreira (baixo)
Wagner Leonardo (vocal)

O grupo carrega uma identidade musical marcada pela diversidade de influências e, pela autenticidade de suas composições.

A banda iniciou sua trajetória em 2022, ainda sob o nome AZE, e passou por uma recente transição artística que deu origem à Bunker 04 — fase que representa um amadurecimento estético e conceitual.

Desde então, o grupo vem consolidando sua presença nos palcos e ampliando seu alcance para além da cidade natal.

Com referências que vão de Red Hot Chili Peppers e Pearl Jam até nomes nacionais como Planet Hemp e Charlie Brown Jr., a Bunker 04 constrói um som que equilibra peso e groove, alternando entre faixas intensas, conectadas ao cotidiano e à realidade urbana, e momentos mais melódicos, com letras introspectivas e pessoais.

Mesmo em início de trajetória, a banda já marcou presença em eventos relevantes do circuito local, como o **festival Rock Goitacá** e o **Bloco Every Bode**, dividindo espaço com nomes consolidados da cena de Campos dos Goytacazes.

Atualmente, o grupo inicia um processo de expansão, levando seu trabalho para outras cidades e fortalecendo sua atuação ao vivo.

Em fevereiro de 2026, a Bunker 04 lançou seu primeiro single, “Caso Isolado” (<https://www.instagram.com/bunker04oficial/>) que apresenta ao público a proposta sonora da nova fase e antecipa uma série de lançamentos previstos ao longo do ano. A faixa sintetiza a essência da banda: um rock contemporâneo que dialoga com diferentes vertentes sem perder sua identidade.



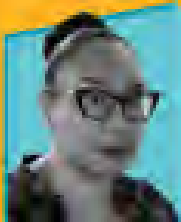
Embora suas composições abordem temas relevantes e, por vezes, densos, a banda também se destaca por uma postura extrovertida e descontraída, especialmente nas redes sociais, criando uma conexão direta e espontânea com o público.

Nos palcos, essa energia se traduz em apresentações marcadas por intensidade, entrega e forte interação, consolidando a Bunker 04 como uma experiência ao vivo envolvente e autêntica.



Com uma abordagem que mistura energia, versatilidade e discurso, a Bunker 04 se posiciona como um nome em ascensão no cenário independente, apostando na consistência de sua produção autoral e na força de suas performances ao vivo.

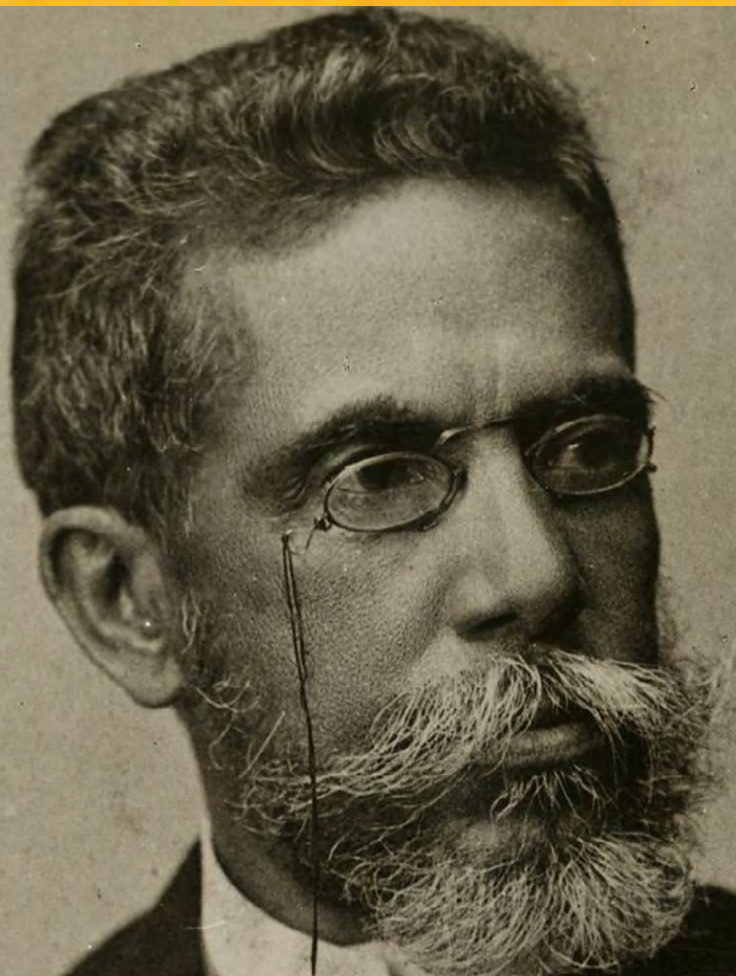




ALECSANDRA MATIAS DE OLIVEIRA

Professora da Escola de Comunicações e Artes da USP

Por Alecsandra Matias de Oliveira, professora do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação (Celacc) da Escola de Comunicações e Artes da USP



A escrita da história da arte no Brasil. Ou ainda: “ao vencedor, as batatas”?

A escrita da história da arte no Brasil é um exercício complexo porque exige resgatar o que ela foi, mas, sobretudo, perceber o que ela está se tornando. É tomar consciência de que se trata de um campo investigativo atravessado por descontinuidades, disputas e múltiplas tradições visuais que raramente foram tratadas em condições de igualdade.

Nesse cenário, a máxima machadiana “ao vencedor, as batatas” ainda ressoa — não como verdade incontestável, mas como fricção: quem tem sido autorizado a vencer?

Quem distribuiu as batatas e quem, historicamente, sequer foi convidado a sentar à mesa? Mas, e agora, quem senta-se — e reivindica participar da partilha?

Desde o período colonial, matrizes indígenas, africanas e europeias coexistiram, mas a historiografia tradicional privilegiou narrativas eurocêntricas, ancoradas em categorias das belas-artes e em periodização que pouco dialogam com a heterogeneidade do nosso território. Esse enquadramento produziu

instâncias de diferenciações, relegando práticas visuais indígenas e afrodiáspóricas a outras áreas disciplinares — como a etnografia e a antropologia — ou a posições periféricas, classificadas como folclore ou artesanato.

Entre o período colonial e o modernismo, há um capítulo decisivo subestimado: o século 19. A Missão Artística Francesa, a criação da Academia Imperial de Belas Artes e a atuação de artistas como Debret, Taunay, Pedro Américo e Victor Meirelles consolidaram um sistema artístico alinhado ao academicismo europeu. Esse período estruturou instituições, currículos, políticas de formação e modos de legitimação que forjaram o cânone nacional. A ausência de uma reflexão crítica sobre esse legado — e sobre como ele naturalizou hierarquias raciais, regionais e estéticas — ainda pesa sobre a disciplina e explica parte das exclusões que persistem.

A partir da segunda metade do século 20, e de modo mais intenso nas últimas décadas, esse panorama começou a ser revisto. Pesquisadores e instituições incorporaram



Os comedores de batata (Aardappeleters em neerlandês) é um quadro do pintor Vincent van Gogh, terminado em abril de 1885.

novos objetos, metodologias e perspectivas críticas que alargaram o escopo disciplinar. Esse movimento não é homogêneo, mas resulta de debates acumulados por diferentes gerações de historiadores, críticos, curadores e artistas.

Um eixo central dessa renovação é a reavaliação do modernismo. Embora tenha sido fundamental para a constituição de uma narrativa pátria, o modernismo nunca foi um bloco coeso. Autores como Aracy Amaral, Tadeu Chiarelli e Rafael Cardoso demonstraram que o modernismo se estruturou a partir de omissões, tensões regionais e disputas institucionais. A centralidade atribuída à Semana de 1922 obscureceu outras genealogias modernistas e reforçou as exclusões de artistas mulheres, negros, indígenas e de regiões fora do eixo Rio–São Paulo. De todo modo, a crítica ao paradigma modernista não busca negá-lo, mas situá-lo historicamente, evidenciando seus limites e contradições.

A construção do cânone artístico brasileiro também se entrelaça com políticas de patrimônio. O Iphan, desde sua fundação, operou sob forte influência modernista, privilegiando determinadas estéticas e narrativas. Esse processo resultou em tombamentos seletivos, que valorizaram arquiteturas coloniais e modernistas enquanto negligenciaram patrimônios afrodiaspóricos e indígenas. A história da arte no País não pode ser compreendida sem considerar como o Estado moldou — e ainda molda — o que é reconhecido como arte, memória e identidade.

Outro eixo marginalizado na historiografia é o papel do mercado de arte. Galerias, colecionadores privados, feiras e processos de internacionalização influenciam decisivamente a visibilidade de artistas e a circulação de narrativas. A incorporação recente de artistas indígenas e negros em grandes exposições e coleções, por exemplo, não pode ser dissociada das dinâmicas econômicas e simbólicas que regulam os interesses do mercado. Ignorar esse aspecto é correr o risco de reproduzir uma visão despolitizada da produção artística.

A partir dos anos 2000, abordagens pós-coloniais e decoloniais intensificaram esse processo de revisão. Embora conceitos como “colonialidade

do poder” (Quijano) e “colonialidade do saber” (Mignolo) não tenham surgido na história da arte, eles informaram análises sobre os modos como categorias estéticas foram naturalizadas. Pesquisadoras como Lilia Schwarcz, Heloisa Buarque de Hollanda, Denise Ferreira da Silva, Alessandra Simões e Clarissa Diniz contribuíram para problematizar as estruturas de poder que regem o olhar institucional e museológico.

Nesse contexto, práticas visuais antes marginalizadas passaram a ser reconhecidas como parte constitutiva da história da arte brasileira. A produção indígena, por exemplo, deixou de ser tratada exclusivamente como artesanato ou etnografia para ser compreendida como sistema estético complexo, articulado a cosmologias próprias.

Esse reconhecimento se deve a estudos antropológicos (Eduardo Viveiros de Castro, Manuela Carneiro da Cunha, entre outros), mas também à atuação de artistas e intelectuais indígenas, como Jaider Esbell, Denilson Baniwa, Sueli Maxakali e Sandra Benites, que problematizam as fronteiras entre arte, política e território.

O mesmo ocorre com a arte afro-brasileira, cuja centralidade tem sido afirmada por pesquisadores como Emanuel Araújo, Kabengele Munanga, Igor Simões, Renata Felinto e Kleber Amâncio. Suas análises evidenciam como a visualidade negra desafia estratificações raciais e questiona a própria formação do cânone artístico, sustentado nos pressupostos da arte branco-brasileira como matriz hegemônica de legitimação estética. Ao evidenciar os mecanismos históricos de apagamento, seleção e hierarquização que estruturaram essa matriz, tais estudos demonstram que a produção afro-brasileira questiona os limites do repertório consagrado e, simultaneamente, propõe outras epistemologias visuais, capazes de reconfigurar os critérios de valor, representação e pertencimento no campo artístico nacional.

Apesar de avanços, a historiografia ainda carece de uma abordagem mais robusta sobre gênero e sexualidade. Artistas mulheres, trans e LGBTQIA+ continuam sub-representados em

narrativas oficiais, e pesquisas sobre figuras como Anna Bella Geiger, Letícia Parente, Hudinilson Jr. e Leonilson revelam como essas produções confrontam normas de corpo, identidade e política. A crítica feminista e queer, embora crescente, ainda encontra alguma resistência institucional.

A incorporação de fotografia, grafite, design, moda, práticas digitais, arquivos comunitários e intervenções coletivas ampliou o repertório disciplinar, mas também expôs a crise da própria categoria “arte”. Os escritos de Helouise Costa e a obra de Boris Kossoy estabeleceram a fotografia como domínio legítimo de investigação histórica e estética, enquanto artistas e pesquisadores como Gilberto Prado e Giselle Beiguelman exploram relações entre arte, tecnologia e memória.

Metodologias interdisciplinares — provenientes da antropologia, sociologia, crítica institucional e teoria feminista — também estenderam o campo e desafiam modelos tradicionais de autoria, objeto e instituição, deslocando a história da arte para uma área investigativa mais estendida. Autores como Moacir dos Anjos, Mirtes Marins e Ana Paula Simioni têm questionado o papel de museus, políticas culturais e práticas curatoriais na produção de narrativas oficiais, destacando como essas instituições participam ativamente da construção (e do apagamento) de memórias visuais.

Essas abordagens expandem o repertório da história da arte no País, mas também reconfiguram sua função. Sua revisão não constitui um movimento linear de abertura, mas, como já colocado aqui, identifica no campo as disputas simbólicas, políticas e epistemológicas. Ao reconhecer a pluralidade das práticas visuais — indígenas, afrodiáspóricas, populares, urbanas, digitais e experimentais —, a disciplina se reinventa, mas também enfrenta resistências, apropriações superficiais e tensões entre Estado, mercado, instituições, artistas e comunidades.

As origens da arte brasileira são múltiplas, e é justamente essa pluriversalidade — ainda em processo de reconhecimento — que redefine o modo como se pensa a arte, sua história e suas perspectivas. Então, preocupar-se com a escrita

da história da arte nacional é compreender que ela constrói o que se entende como arte, quem é reconhecido como artista e quais práticas visuais são legitimadas como parte do patrimônio cultural. Ela influencia o mercado, define o que é ensinado nas escolas e determina o que os museus exibem. Quando a disciplina exclui povos indígenas, artistas negros, mulheres, pessoas LGBTQIA+ ou produções periféricas, ela não apenas descreve uma ausência: ela a produz.

Além disso, a escrita da história da arte precisa ser revista porque o próprio país mudou — e continua mudando. A centralidade crescente das visualidades indígenas e negras, a expansão das linguagens digitais, a força das práticas comunitárias e a crítica institucional transformaram profundamente a fronteira do estudo. Persistir com modelos historiográficos herdados do século 19 ou do modernismo significa ignorar essas transformações e perpetuar uma visão estreita da produção artística brasileira.

Em síntese, tomar como questão a escrita da história da arte no Brasil significa reconhecer que nenhuma narrativa sobre a produção visual é neutra ou desinteressada. Ao contrário, ela define quem é legitimado como produtor de conhecimento, quais memórias são preservadas e quais práticas são relegadas ao silêncio. A lógica machadiana de “ao vencedor, as batatas” ainda ecoa na forma como o cânone se constituiu — privilegiando tradições eurocêntricas, artistas brancos, instituições hegemônicas e centros urbanos específicos — enquanto povos indígenas, comunidades negras, mulheres, artistas LGBTQIA+ e expressões populares foram excluídos dos processos de consagração. Revisitar essa escrita não é apenas um exercício historiográfico, mas um gesto político: trata-se de disputar o direito à memória, de desnaturalizar hierarquias e de ampliar as possibilidades do que se conta como arte e quem tem o direito a essa narrativa.

(As opiniões expressas nos artigos publicados no *Jornal da USP* são de inteira responsabilidade de seus autores e não refletem opiniões do veículo nem posições institucionais da Universidade de São Paulo. Acesse aqui nossos parâmetros editoriais para artigos de opinião.)

Jéssica Caitano

Jéssica Caitano (muitas vezes referida como Jéssica Caetano) é uma cantora, compositora, rapper e poetisa brasileira natural de Triunfo, no Sertão do Pajeú, Pernambuco. Sua obra é marcada pela mistura de ritmos tradicionais nordestinos com sonoridades contemporâneas.

Perfil Artístico

Estilo Musical: Sua música combina elementos de rap, repente, coco de roda e embolada. Ela se define como uma “brincante” da cultura popular, utilizando a percussão e a poesia metrificada em suas composições.

Temáticas: Suas letras abordam ancestralidade, vivências do sertão, feminismo, resistência e ativismo LGBTQIAP+.

Identidade: É conhecida por sua voz potente e por ser uma “ativista” (artista + ativista), integrando a educação e a cultura em seu trabalho.

Carreira e Projetos

Trajetória: Está envolvida com a poesia pajezeira há quase 20 anos, influenciada pela tradição oral de sua região.

Trabalhos Recentes: Lançou projetos como o disco Salvo Caminho da Volta e prepara o lançamento de Reboco 2 para 2026.

Presença Digital: Você pode acompanhar o trabalho dela através de seu canal no YouTube e perfil no Instagram.



YouTube

<https://www.youtube.com/watch?v=1IPAxzpCtHk>

Faça uma vaquinha pela ARTE



Com qualquer valor você ajuda a manter nossas edições com distribuição gratuita



D-ARTE

Contribua com nosso projeto



O Pode Chefe? Podcast é focado em ouvir histórias inspiradoras em cada episódio onde Aurélio Pereira e Ronilson Rony recebem convidados que são referências em suas áreas de atuação, explorando suas trajetórias profissionais, seus desafios e suas estratégias para alcançar e transpor os desafios do dia a dia. O podcast aborda diversos temas relacionados a cultura, arte, empreendedorismo e negócios, como liderança, marketing, finanças, inovação, gestão de pessoas e muito mais. Pode Chefe? Podcast está disponível em plataformas de streaming de áudio e vídeo, como Spotify, YouTube, Apple Podcasts e nas redes sociais, e é uma ótima fonte de informação e inspiração para quem deseja empreender ou aprimorar suas habilidades. Permita-se!

 **podechefe**
INSCREVA-SE

www.youtube.com/@podechefe

The logo for the Museu de Arte Contemporânea do Paraná (MAC) consists of the lowercase letters 'mac' in a bold, white, sans-serif font, centered on a solid black rectangular background.

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO PARANÁ



CATÁLOGO GERAL do ACERVO do

MAC

MUSEU de ARTE CONTEMPORÂNEA do PARANÁ

O Acervo de obras do Museu de Arte Contemporânea do Paraná (MAC-PR) é composto, atualmente, por 2.053 obras. Inicialmente, um conjunto de 200 itens que pertenciam ao Departamento de Cultura e ao patrimônio do Paraná foi incorporado ao acervo do museu (por meio do decreto nº 18.580, de 18 de março de 1970).

A adição de uma obra de arte ao acervo do MAC pode ocorrer a partir de doações dos artistas, vinculadas a uma exposição, individual ou coletiva, organizada pelo museu. Em 1989, com a inauguração da Sala Theodoro De Bona, esta prática foi oficializada, sendo prevista em regulamento.

A entrada de uma obra de arte no museu deve passar pelo crivo do Conselho Consultivo, formado por especialistas na área e

presidido pela direção do museu. Os assuntos relacionados ao acervo são discutidos em reuniões especiais e registrados em livro de atas.

Os critérios para essa incorporação, previamente estabelecidos são, no MAC, os da contemporaneidade da linguagem e/ou relevância histórica da obra.

O Salão Paranaense sempre foi um importante meio de obtenção de trabalhos artísticos para o museu, em função dos prêmios-aquisição distribuídos pelos órgãos do Governo, proporcionando a atualização do acervo com as tendências contemporâneas. As obras incorporadas a partir de salões de arte são, por norma, selecionadas por comitês de profissionais, professores e críticos de arte, atuantes no cenário nacional.

[DOWNLOAD DO CATÁLOGO](#)



O streaming gratuito dos cinemas negros

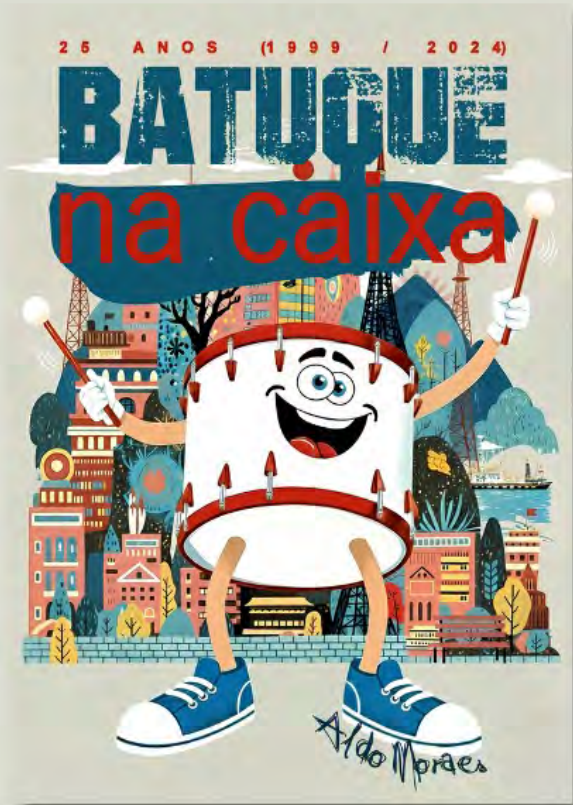
A diversidade afrodiaspórica pelas lentes

de pessoas negras

<https://www.ubuplay.com/>

BATUQUE NA CAIXA: 25 ANOS

Conheça a história do projeto nacionalmente premiado e reconhecido



Livro a venda em formato impresso e ebook no Clube de autores, Amazon, Mercado Livre, Estante Virtual

Escaneie Abaixo:



Aldo Moraes

Autor vencedor do Prêmio Destaques Literários 2025, concedido pela Focus Brasil/Academia Internacional de Literatura Brasileira com sede em Nova Iorque

O livro batuque na caixa 25 anos retrata o reconhecido projeto, criado em Londrina/PR pelo Instituto Cultural Arte Brasil e que acumula prêmios nacionais por sua atuação cultural, social, educativa e ambiental e por exemplo de gestão e organização. Batuque na caixa já atendeu gratuitamente mais de 10 mil crianças e adolescentes; formou gerações de profissionais; seu grupo musical subiu ao palco com Alcione, Naná Vasconcelos, Palavra Cantada, Hermeto Paschoal e Olodum.

Atualmente os alunos de Londrina são atendidos com patrocínio da Política Nacional Aldir Blanc e as unidades espalhadas pelo Brasil tem patrocínio da Lei Rouanet, Ministério da Cultura, Governo Federal e J Macedo.

O projeto tem coordenação nacional de Aldo Moraes, autor do livro.



DISQUE 100 RACISMO

RACISMO É CRIME! DENUNCIE!

AGORA O DISQUE 100 TAMBÉM RECEBE DENÚNCIAS DE RACISMO. SE VOCÊ FOI VÍTIMA OU PRESENCIOU UM CRIME DE RACISMO, DISQUE 100 E DENUNCIE!

LEI Nº 6.496, DE 21 DE MARÇO DE 2019.



Divulgação/Paulão

Paulo Cesar Troiano, vulgo Paulão Rock n Roll, produtor cultural e apresentador.

Idealizou o projeto Azylo Hotel, com eventos e programas na TV e no rádio. Atualmente o projeto conta com três programas na UEL FM, Zappa N UEL, Azylo XXTREMUS e Blues Hotel.

Radialista/produtor do Programa Azylo Hotel nas rádios: Rádio FM Cidade 102.9(Cambé); Rádio Paiquere FM(Londrina);Rádio Antena 1 (Londrina); Rádio Aquarius Fm (Arapongas); Rádio 104.5 (Cornélio); Rádio Cidade FM(Londrina); Rádio UEL (Londrina); Alma Londrina Rádio Web;

Apresentador dos programas: Azylo Vídeo Hotel na TV Tibagi de Apucarana; Azylo Resort no Canal 20; TV Metrópoles na TV Tibagi;

Autor do Projeto radiofônico e televisivo “Azylo Hotel “ desde 1982/atual;

Produção/Apresentação dos shows de rock no “Dia Mundial do Rock” na Concha Acústica de Londrina, edições: 2013 à 2019;

Autor do Projeto com certificado da Universidade Estadual de Londrina “Papo de Rock” com palestras educativas sobre a

história do Blues nas Escolas Estaduais de Londrina nos anos 2003 à 2005;
Produtor/Apresentador do Projeto “Azylo Hotel Live” gravado no Bar Valentino, transmitido nos canais Azylo Hotel e Rock Pé Vermelho em 2020;

Sábado às 20h
Reprise quarta-feira às 23h

Blues Hotel é um programa focado nas influências do Blues na música rock dos anos 70, o programa tem como objetivo educar e entreter os ouvintes, revelando as conexões entre esses gêneros. A proposta é mostrar que Blues está presente onde menos se espera, enriquecendo a música das bandas favoritas dos ouvintes. Voltado para fãs de rock clássico e curiosos por história musical, “Blues Hotel” estreou em setembro, prometendo uma jornada sonora única e reveladora.

Contato

Rua Fernando de Noronha, 433

Londrina-Paraná

(43)9 8818-2604

projetoazylohotel@gmail.com

<https://www.instagram.com/azylohotel> <https://www.facebook.com/PauloCesarTroiano> Canal Azylo Hotel (YouTube)



De Beyoncé à Tomie Ohtake

exposição inédita chega ao
Centro Cultural Fiesp



130 obras inéditas no Brasil
direto da coleção do BID



arte latina que mistura tudo: identidade, memória e futuro

Artista: [unreadable]
[unreadable]
[unreadable]

[unreadable text block]

Artista: [unreadable]
[unreadable]
[unreadable]

Artista: [unreadable]
[unreadable]
[unreadable]

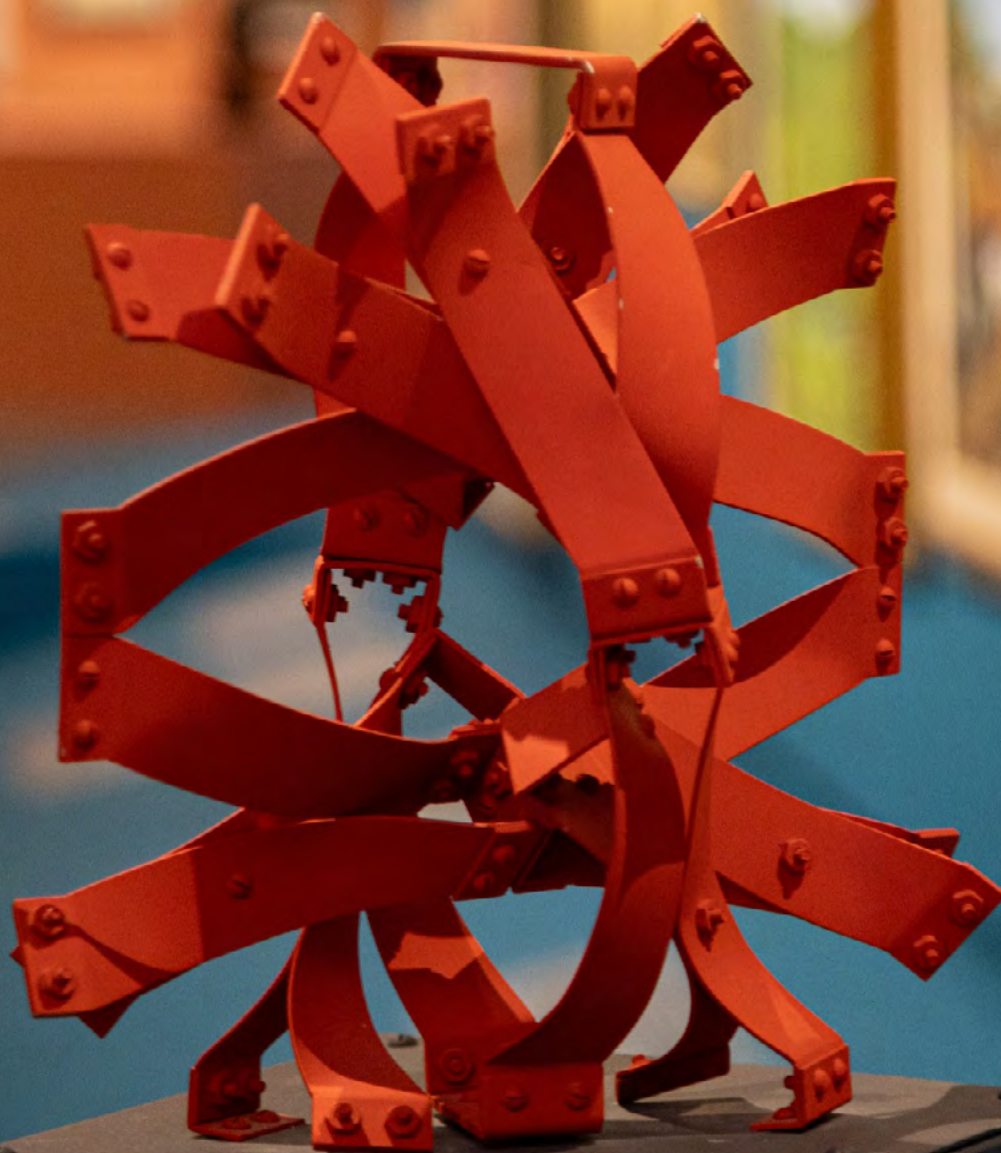
Artista: [unreadable]
[unreadable]
[unreadable]





Pluralidades insulares

Um espaço de troca entre culturas e histórias



Entrada gratuita
terça a domingo, 10h às 20h | CCF

<https://www.facebook.com/centroculturalfiesp>

97% dos brasileiros acreditam que é dever do poder público promover acesso à cultura, diz pesquisa



Foto: José Cruz/Agência Brasil

Por
Alexandre Briozo Filho

Estudo revela que 4 a cada 10 pessoas não têm acesso a atividades culturais perto de casa e destaca que a escola é aliada no acesso à arte

Para 97% dos entrevistados, o acesso à arte e à cultura se trata de um direito a ser garantido pelo poder público. É o que aponta a 6ª edição da pesquisa Hábitos Culturais, um estudo do Observatório Fundação Itaú. A iniciativa mapeou o consumo cultural de brasileiras e brasileiros nas cinco regiões do Brasil.

Foram realizadas 2.432 entrevistas em todo o país, sendo 40% dos entrevistados residentes de capitais ou regiões metropolitanas, e 60% residentes de cidades do interior ou litoral, enfatizando o viés de descentralização cultural da pesquisa. Quanto ao perfil econômico, 44% são da classe C, enquanto as classes AB representam 23% e as classes DE, 31%.

Dos resultados obtidos pela pesquisa, destacam-se a opinião sobre o acesso à cultura e a integração entre arte e educação como direitos. Ao todo, 25% relatam que aulas de arte em escolas públicas deveriam ser uma prioridade

para os governos. A maior adesão às atividades culturais presenciais ao ar livre (86%) e a maior participação em atividades culturais se fossem oferecidas nas escolas (72%), também são outras informações inéditas trazidas pelo estudo.

Sobre o que os entrevistados acreditam que deveria ser prioridade nas políticas propostas por governos e candidatos, criar ou ampliar programas de acesso gratuito a atividades culturais, como cinema, teatro, música e museus representa o maior número de respostas, com 39%. Seguindo essa linha de oferecimento de atividades gratuitas, e em resposta às percepções cotidianas da desigualdade no acesso a eventos e equipamentos culturais, 32% dos entrevistados acreditam que a criação de atividades culturais para crianças e adolescentes nos bairros também é uma política a ser priorizada.

Outras políticas prioritárias, segundo os entrevistados, deveriam ser: melhorar (reformular, ampliar, modernizar) os equipamentos ou instituições culturais existentes, com 26% das respostas; adotar aulas de arte e cultura para estudantes de escola pública, com 25%; apoiar iniciativas culturais nas favelas, periferias e comunidades tradicionais, com 23%; investir na valorização e formação de artistas e profissionais da cultura, com 19%; criar mais equipamentos ou instituições públicas de cultura, com 18%; e financiar e incentivar a produção cultural independente, com 14%.

Para os idealizadores da pesquisa, os dados reunidos no estudo “podem levantar o debate sobre como os candidatos pensam (se pensam) a cultura em seus programas de governo”.

Cultura e eleições

O pesquisador Alan Valadares é coordenador da área de monitoramento,

avaliação e dados da Fundação Observatório Itaú. Ele explica que o estudo, por ser um reflexo da opinião da população brasileira sobre políticas culturais, é um estudo que todo candidato às eleições deveria conhecer. “Apesar de não ter um recorte por unidade federativa, a pesquisa tem uma representatividade bem interessante. Ela traz os recortes por região, por raça, por gênero, por escolaridade. Então, são muitos parâmetros para os candidatos pensarem.”

Outro aspecto destacado pelo coordenador se trata da forma como a pesquisa reflete a importância da cultura para o desenvolvimento pessoal e coletivo da sociedade, ressaltando que “ela é um direito justamente por ser tão fundamental para o desenvolvimento humano”.

Uma maneira de fazer repercutir essas informações no campo político é por meio do contato direto da Instituição com os principais candidatos aos cargos, assim como os representantes já eleitos. Além disso, a intersetorialização do processo também é fundamental na hora de garantir que a opinião pública tenha efeitos sobre a formulação e manutenção das políticas.

Por meio de um acordo de cooperação técnica com o Ministério da Cultura (MinC) e o Ministério da Educação (MEC), o Observatório, segundo relata Alan, contribuiu com a expansão das discussões sobre a articulação entre cultura, arte e educação nos debates políticos, embora essa articulação já fosse conhecida dentro dos ministérios.

Diante dos resultados obtidos na pesquisa, e frente ao período eleitoral que se aproxima, Alan acredita que o estudo irá reverberar não só nas campanhas eleitorais, como também nos projetos de

governo dos candidatos eleitos e nos que já atuam no Congresso. Para ele, isso se dará devido à diversidade de pontos de vista contemplados pela pesquisa que esclarecem boa parte das dinâmicas de acesso à cultura no Brasil.

Cultura e arte nas escolas como descentralização

“Percebemos que no interior e fora das regiões metropolitanas, é onde se tem menor acesso a algumas atividades culturais, principalmente cinema, teatro, só para dar alguns exemplos. Também é perceptível que são os lugares onde também as pessoas mais sentem falta de atividades culturais”, relata Alan. Corroborando a fala do coordenador, a pesquisa destaca que 4 a cada 10 pessoas não acessam atividades culturais no próprio bairro em que moram. Como forma de remediar essa realidade, a pesquisa indica que uma maior presença das escolas no cotidiano das comunidades onde se situam poderia aumentar o acesso cultural em áreas onde a oferta de atividades é baixa.

É o que defendem 72% dos entrevistados, que afirmam que poderiam acessar mais atividades culturais se fossem oferecidas nas escolas dos bairros onde moram. O anseio pelo consumo cultural percebido na pesquisa vai de encontro com o que os entrevistados acreditam que deveria ser a maior prioridade do poder público, que seria a criação ou ampliação de programas de acesso gratuito a atividades culturais, como cinema, teatro, música e museus, defendida por 39% dos participantes. Em contrapartida, o acesso à atividades culturais folclóricas e típicas é maior em cidades menores, interioranas.

Para transformar esse contexto, Alan argumenta que é preciso uma união de esforços entre as diferentes esferas sociais, indo desde o poder público até as comunidades dos diferentes territórios

brasileiros. “Recentemente, tivemos essa oportunidade da expansão das escolas em tempo integral. Isso nos permitiu pensar os currículos e as propostas pedagógicas de forma a articular e favorecer o acesso a atividades culturais”, comenta. Ele observa que a escola, no que diz respeito à democratização do acesso às artes e à cultura, pode funcionar como uma estrutura social importante ao ser palco para a promoção de diversos tipos de acesso.

“E nós já vimos essas experiências, onde as escolas se abrem mais para a comunidade e, eventualmente, até nos finais de semana acontecem atividades que, em outros locais das cidades, dos bairros, talvez não teriam essa oportunidade de acontecer”, diz. A exibição gratuita de filmes para um público amplo, até mesmo ao ar livre, dado que a maior parte da população costuma frequentar eventos presenciais em espaços abertos, é algo que poderia ser oferecido pelas instituições escolares. O uso da biblioteca escolar pela comunidade também poderia representar uma fonte de acesso gratuito à literatura, algo que além de contribuir com a descentralização do acesso à arte e à cultura, também poderia aumentar os índices de leitores no país.

Alexandre Briozo Filho

É repórter do Nonada. Jornalista formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Venceu o prêmio MOL de Jornalismo para Solidariedade em 2025. Tem interesse por literatura, artes, fotografia e tudo o que se dedica ao registro da memória social.

Fonte: <https://www.nonada.com.br/2026/04/97-dos-brasileiros-acredita-que-e-dever-do-poder-publico-promover-acesso-a-cultura-diz-pesquisa/>
Normas para republicação: <https://www.nonada.com.br/republique/>





CHUCK NORRIS
1940-2026



ESTAVA TE
ESPERANDO
PRA GENTE
TREINAR!

Admali

O QUE FIZEMOS
FOI HISTÓRICO!

...
VOU BOTAR UMA
MÚSICA!



RELAXA,
O RELATOR
SOU EU!



Nando
Motta



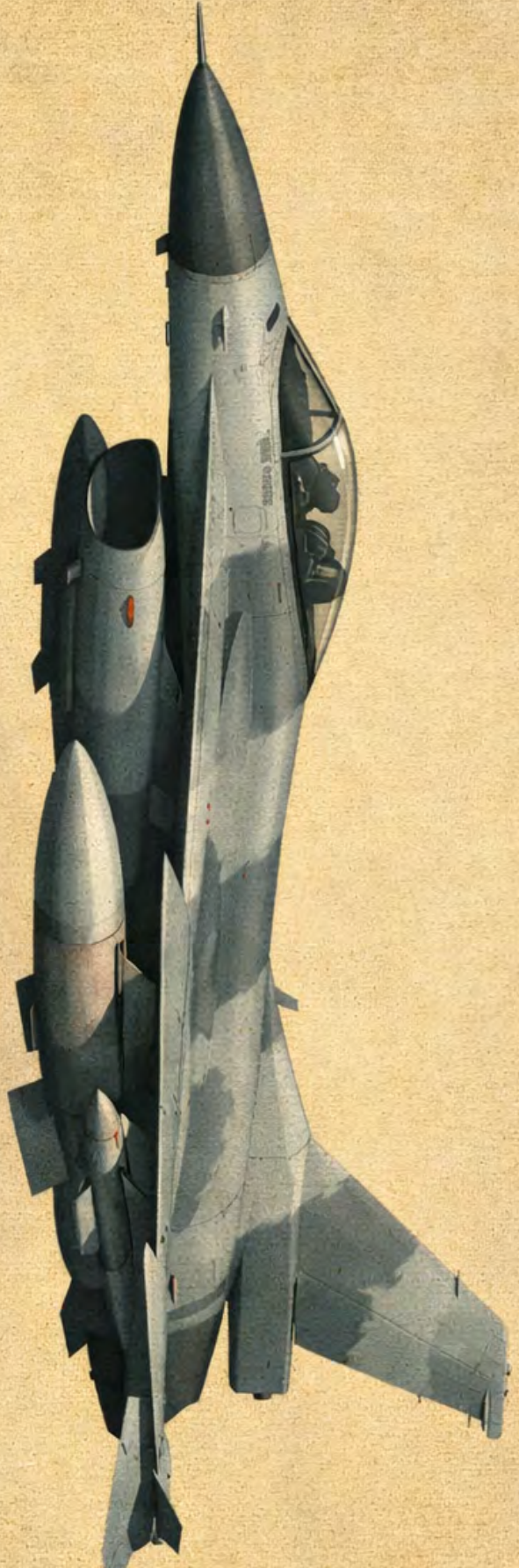


CADERNO
DE LITERATURA

DE ARTE

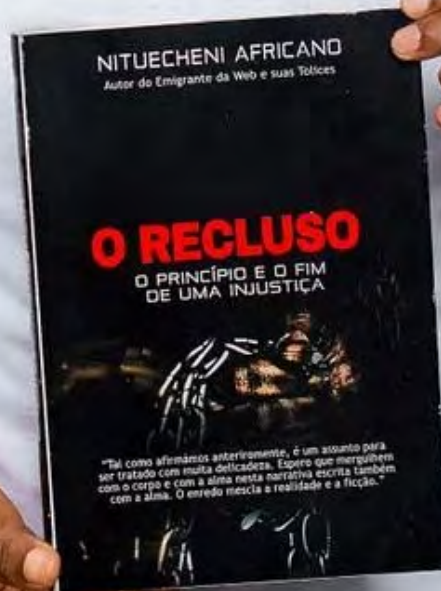
#39

Ceci n'est pas un avion.



NITUECHENI Africano

PARA ALDO
MORAES



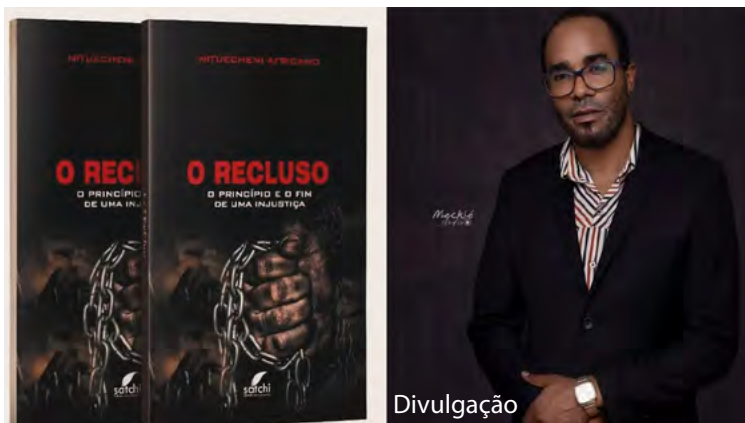
A Revista D'arte abre espaço para o famoso escritor Nituecheni Africano, jovem talento que tem se destacado na África, Estados Unidos e Europa e com sua presença na organização das feiras literárias internacionais de Angola e Cabo Verde.

QUEM É

Nituecheni Africano, pseudônimo de Eugénio Afonso Gaspar, é um premiado escritor e autor angolano, nascido em 1990, reconhecido internacionalmente em 2024 e 2025. É notável por ser o primeiro angolano a conquistar o prêmio literário norte-americano Fox USA e por vencer o Sankofa Book Awards no Quênia.

É autor de “O Recluso - O Princípio e o Fim de uma Injustiça”, “O Prisioneiro do Amor”, e “O Emigrante da Web e Suas Tolices”.

É uma satisfação participar desta entrevista para a prestigiada Revista D'arte.



Fale um pouco da sua relação com a literatura e como se interessou por essa área

A minha relação com a literatura começou muito cedo, ainda na juventude, quando descobri que as palavras tinham o poder de guardar memórias, sentimentos e histórias do meu povo. A leitura abriu-me portas para outros mundos e despertou em mim o desejo de também contar histórias.

A literatura tornou-se, então, não apenas uma paixão, mas uma forma de expressão, de reflexão e de preservação cultural.

Fale de sua infância e como se relaciona com os dialetos típicos dos países africanos.

A minha infância foi profundamente marcada pela oralidade, pelas histórias contadas pelos mais velhos e pela riqueza linguística presente nos dialetos africanos. Em muitos

países africanos, os dialetos carregam saberes ancestrais, tradições e formas próprias de ver o mundo. Essa convivência com diferentes expressões linguísticas influenciou muito a minha sensibilidade literária e também a forma como procuro trazer elementos da identidade africana para os meus textos.



Comente seu processo criativo e perfil da sua literatura

O meu processo criativo nasce muitas vezes da observação da realidade, das experiências humanas e das memórias culturais. Gosto de refletir sobre questões sociais, identitárias e históricas que atravessam a vida africana contemporânea. A minha literatura procura dialogar entre tradição e modernidade, dando voz a narrativas que, muitas vezes, não encontram espaço nos discursos dominantes.

Você tem conquistado um importante espaço internacional. Que prêmios e conquistas você teve nos últimos anos?

Nos últimos anos tenho tido a alegria de ver o meu trabalho alcançar leitores em diferentes países e participar de projetos culturais e literários internacionais. Mais do que prêmios, considero como grandes conquistas o reconhecimento dos leitores, a participação em eventos literários e a possibilidade de representar a literatura africana em espaços de diálogo cultural.

Que livros considera fundamentais na sua produção?

Cada livro tem um significado especial no meu percurso literário, porque representa uma etapa da minha caminhada como escritor. Alguns deles são particularmente importantes porque consolidaram a minha voz literária e permitiram aprofundar temas ligados à identidade africana,

à memória e às transformações sociais do nosso tempo.

Você tem se envolvido em eventos literários em países africanos, Europa e Brasil. Comente sobre isso

Participar de eventos literários em diferentes países tem sido uma experiência muito enriquecedora. Esses encontros permitem trocar ideias com outros escritores, conhecer novas perspectivas e aproximar culturas através da literatura. África, Europa e Brasil possuem fortes laços históricos e culturais, e a literatura tem sido uma ponte muito importante nesse diálogo.

Que escritores influenciam sua produção? Conhece a literatura brasileira?

Sou influenciado por diversos escritores africanos e também por autores de outras partes do mundo que exploram profundamente as questões humanas e culturais. A literatura brasileira, por exemplo, é extremamente rica e possui autores marcantes que dialogam muito com as realidades sociais e históricas que também encontramos em África. Esse intercâmbio literário é sempre muito inspirador.

Agradeço sua entrevista e peço que deixe uma palavra para os leitores da Revista D'arte.

Aos leitores da Revista D'arte, deixo uma mensagem de valorização da leitura e da cultura. A literatura tem o poder de aproximar povos, ampliar horizontes e fortalecer a nossa identidade. Continuemos a ler, a escrever e a celebrar as histórias que nos tornam humanos.



Cris e o Dragão:

o olhar dela postado em mim...

*Não gosto
de ficar sozinha...*

*É não tenho tempo
para joguinhos.*



“Pois é difícil enxergar a verdade!

Não gosto de ficar sozinha...

E não tenho tempo para joguinhos!”

Patrícia Raphael

Para Anderson Luis da Silva

— O que tu vai fazer hoje de noite, Cris, meu anjo? — A pergunta era um misto de pura inocência e total perdição.

Cris não soube, pelo menos naquela hora, o que era pior: a pergunta moleca, o sorriso inocente ou os olhos verdes e arregalados, cheios de má intenção, da moça à sua frente. O cabelo cheio, vermelho-claro e encaracolado, era jogado para frente; as mãos pequenas e delicadas, postadas nos joelhos, exibiam longas unhas de porcelana pintadas de verde-musgo em dedos finos e nus. No pescoço, uma gargantilha fina de prata com um pingente onde se lia Carolina, em fonte manuscrita e itálica. A blusa branco-celeste transparente, com estampa floral, revelava mais do que deveria. O shorts jeans era desbotado e cuidadosamente rasgado; os pés, pequenos e perfeitos, estavam descalços, pois o sapato de salto quinze, verde-fluorescente, encontrava-se no chão. A pele amendoada completava o quadro que tirou Cris do ar. Estava em êxtase.

— Cris... Cris, meu anjo, acorda, meu doce de gente! — A voz aguda de Carolina explodiu nos ouvidos de Cris com toda a força do mundo.

— O que foi, Diaba? Fala! — A voz de Cris era pura irritação.

— Não me chama assim! Quanta malcriação, meu Deus do céu. Não vai calçar as luvas, não? Não sei por onde estas tuas mãos talentosas andaram voando! Hei... hei... faz o favor de tirar as luvas do estojo plástico na minha frente. A agulha também! Nada de reaproveitar essas coisas descartáveis em nome da economia! Cris, meu bem! O meu corpo é santo e é sagrado, Cris, meu doce de gente — falou Carolina, como se conhecesse Cris a vida toda.

A voz estridente e o tom teatral de Carolina soavam como um pesadelo ao vivo nos ouvidos de Cris. Sua imaginação fértil voou para bem longe, transportando aquela beldade para um palco de teatro ou um tablado qualquer, cheio de luzes, aplausos e uma audiência gritando a plenos pulmões.

De volta à hirta realidade, Cris deu-se conta de que o seu profissionalismo, naquela altura, estava um pouco negligenciado. Deu uma olhada rápida na sua mais nova e cliente, sentada na maca, onde o contorno do dragão em forma de serpente esperava o retoque final. Quem fez aquele desenho e os riscos sabia o que estava fazendo.

Cris levou a mão até a mesa de apoio ao lado, abriu a gaveta pequena e tirou dali os apetrechos de trabalho, jogando-os na maca. Então, rompeu um invólucro e calçou as luvas cirúrgicas; rompeu outro e colocou os óculos de proteção; rompeu mais um e ajustou a máscara cirúrgica ao rosto. Por fim, tirou a agulha descartável da embalagem e a anexou à máquina, atarraxando-a com firmeza com uma chave de aço em forma de L. Tudo preparado com excesso de zelo, sob o olhar atento e cheio de desejo de Carolina.

Cris queria acabar o trabalho o mais rápido e profissionalmente possível. A máquina de aço deu as cores ao dragão na panturrilha esquerda de Carolina. O barulho do aparelho só era interrompido quando Cris limpava a pele com papel toalha e mergulhava a agulha nas pequenas tinas rasas de porcelana chinesa. Eram quatro tinas com tintas importadas do Extremo Oriente, perfiladas em simetria sobre uma bancada de vidro ao lado da maca, com inscrições em uma língua oriental.

Carolina pensou na possibilidade de serem os nomes das cores e na remota chance de Cris dominar aquele idioma — ela não estava totalmente enganada. A máquina de aço parecia leve, com vida própria. Cris estava em transe; já Carolina parecia não se importar com mais nada além da existência de Cris ali, literalmente aos seus pés.

— Então? Tira logo essa máscara horrorosa da cara, esse óculos fora de moda. Quero ver esse teu rostinho lindo... e me responde logo, vai! Responde de uma vez!

Cris parou o trabalho, olhou para a cliente por uns instantes, deu um longo suspiro e voltou a finalizar o desenho em silêncio. Naquele momento, a única coisa que importava era terminar o serviço logo e mandar aquela criatura perturbadora e diáfana embora.

— Cris, tu vai para onde nessa tediosa e enfadonha noite de outono? Nãooooo! Não vai me dizer que és uma pessoa solitária e sozinha. Se és, eu posso resolver esse teu probleminha de uma vez por todas!

Cris pareceu não se importar com o falatório da moça, que mais parecia um texto extraído de uma peça de teatro burlesca de péssima qualidade. Passou o papel toalha sobre a tatuagem para tirar o excesso de tinta e deu o trabalho por encerrado. Surpreendeu-se com a rapidez e com o fato de que, apesar da aparência frágil, Carolina não esboçou uma única queixa de dor. Nem um suspiro.

“Riscar o corpo com marcas indeléveis não é para qualquer um” — era o lema de Cris, escrito em letras garrafais nas paredes do estúdio. Mas o trabalho estava terminado. Carolina estava pronta para ser despachada.

Cris tirou a máscara e os óculos, contemplando o resultado por vários ângulos, ainda de luvas. Em um arrebatamento incomum, parecia querer entender a obra que acabara de criar. Para Cris, um trabalho era sempre apenas um trabalho; um meio para pagar as contas e buscar a perfeição. Mas aquilo, aquela fera, parecia viva — um dragão cuspidor de fogo.

— As cores vão se definir daqui a alguns dias. Não tira esse plástico que vou colocar na tua perna

até amanhã cedo, pelo menos... Se bem que... te pego amanhã, na tua casa, às oito e meia da noite, sua Diaba! Hoje não dá. Tenho uns assuntos inacabados. Se queres diversão, vou te dar uma dose de fortes emoções amanhã quando a noite cair. Se tens crença em algum Deus, clame por ele desde já, meu bem...

— Nossa Senhora Aparecida das causas impossíveis! Um pouco de emoção de verdade, afinal de contas. Hei! Já não te disse para ter modos? Não me chama de Diaba! Tu beijas a tua mãe com essa tua boca suja? Beijas? Uhm...

Cris tirou do bolso do avental um pequeno espelho e entregou à cliente. Carolina olhou-se, admirando a tatuagem por vários ângulos como uma criança que acabara de ganhar um brinquedo novo. Cris então envolveu a coxa torneada de Carolina com plástico insulfilm.

— E esse plástico na minha perna! Até parece que eu fui comprada no açougue do seu Maneca, bem ali na esquina da minha casa!

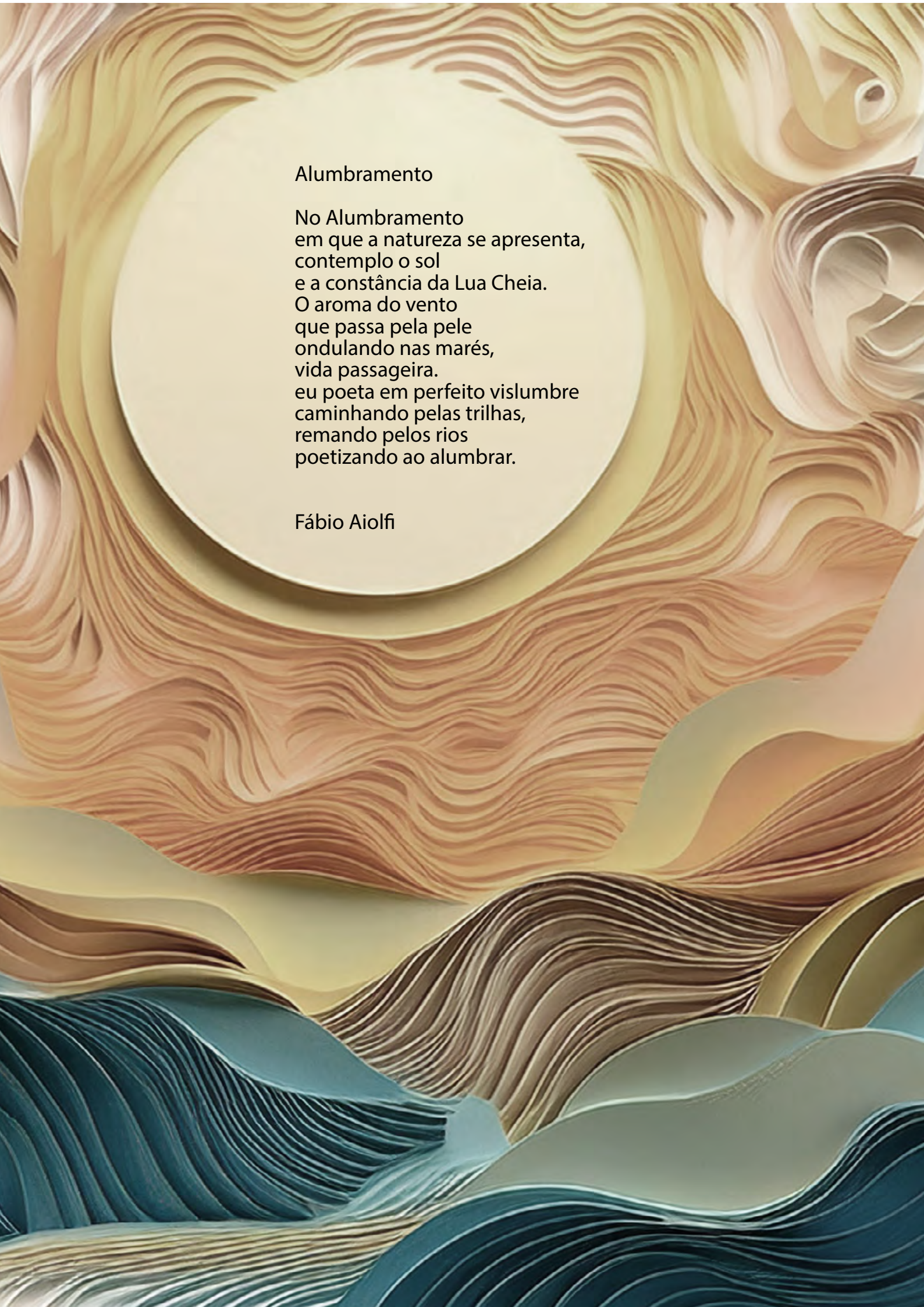


Fragmento do livro: A casa de teto verde. Texto de Samuel da Costa, contista, cronista, poeta e novelista em Itajaí, Santa Catarina.

Bailarico de Outono
Nuvens carregadas
trovejam em constância,
o Verão se despede
como um adeus
de até logo.
No topo das árvores,
o Outono celebra o verão.
Mas, caminha para o Inverno.
Folhas outonais
despencam num bailarico
em queda livre.
A chuva cobre os céus,
os rios correm com o vento.
A Natureza está em festa
com a chegada do novo ciclo.
Uma estação ariana,
que permeia nas veias do poeta
nascido sob as folhas do Outono.
A celebração de mais um
outono de vida.

Fábio Aiolfi






Alumbramento

No Alumbramento
em que a natureza se apresenta,
contemplo o sol
e a constância da Lua Cheia.
O aroma do vento
que passa pela pele
ondulando nas marés,
vida passageira.
eu poeta em perfeito vislumbre
caminhando pelas trilhas,
remando pelos rios
poetizando ao alumbrar.

Fábio Aiolfi



o cachorro e a chuva
no banco da praça
sentado,
um cachorro.
parado.
tomando banho de chuva.
a chuva aumentou,
o cachorro animou.
levantou-se
e pela praça correu.
brincou,
brincou na chuva.
o cachorro,
que naquele dia,
divertiu-se com uma chuva...
de muita poesia.

Fábio Aiolfi

Fábio Aiolfi, é capixaba da cidade de Aracruz. Trabalha como ator, escritor e contador de histórias. Publicou 12 livros, entre romance, teatro e poesia – que corresponde boa parcela de suas obras. No teatro, atuou em mais de 20 espetáculos, apresentando em algumas capitais brasileiras.

Recebeu uma dezena de prêmios, medalhas e homenagens por seus trabalhos artísticos. Atualmente, se dedica ao seu canal Andarilho Capixaba, no Youtube.

Youtube: <https://www.youtube.com/channel/UCZhTBB3AvHnLJJvHFKdj0zg>

Num piscar
De olhos
E...
Quebra-se
A barreira da luz

No barulho
Ao cair um de um único copo
E...
Quebra-se
A barreira do som

Uma palavra
Só uma
Poucas letras
E Quebra-se a barreira
Do sentimento

Em um simples toque
Minha pele arrepia e...
Volto a me sentir vivo

Com um único beijo
E, meu coração não é o mesmo
E com o parar do mesmo
É a vida que se encerra

Me sentia até a pouco Só
Mas, agora,
Há uma música na vitrola

Estava me sentindo solitário
Mas, o cantar do sabiá
Me deseja boa sorte

E a cigarra
Com o seu canto delirante, deixa suas exúvias e,
anuncia por um novo tempo

Por um tempo
Tudo oco
Por segundos
Tempo eco
Nas paredes
Desenhos
De tempos

E o passado,
Até quê eu sonhe de novo
Continua
Por um segundo
E de horas
Que agora acordado
Demora por esperar o eterno futuro
De lembranças
Jaz esquecidas.

Poesias Wilson Lirio
Nome: ATÉ QUE SE QUEBRE.



Foram-se as marcas
Margaridas
Marias
Ilhas
Ilhotas
Remotas

Também foram
Encantos
Cantos
Contos
Jazidas
Jazigos
Pontos
Encontros

Fiquei
Olhei
Acreditei
Pensei
Arrisquei
Foquei
E, entrei

Entre os contos
Contei
Entre os cantos
Retornei
E com o canto
Me deparei
Escutei
E quando ninguém se levantou
Levantei e só, aplaudi

Algumas
Me curvei
Outras recusei
Quando todos retornaram
Parei
E na falta de opção
Optei

Continuei
Na certeza
Quê amei
Amei sem certeza
Amuado pelos arbustos é, que não fiquei

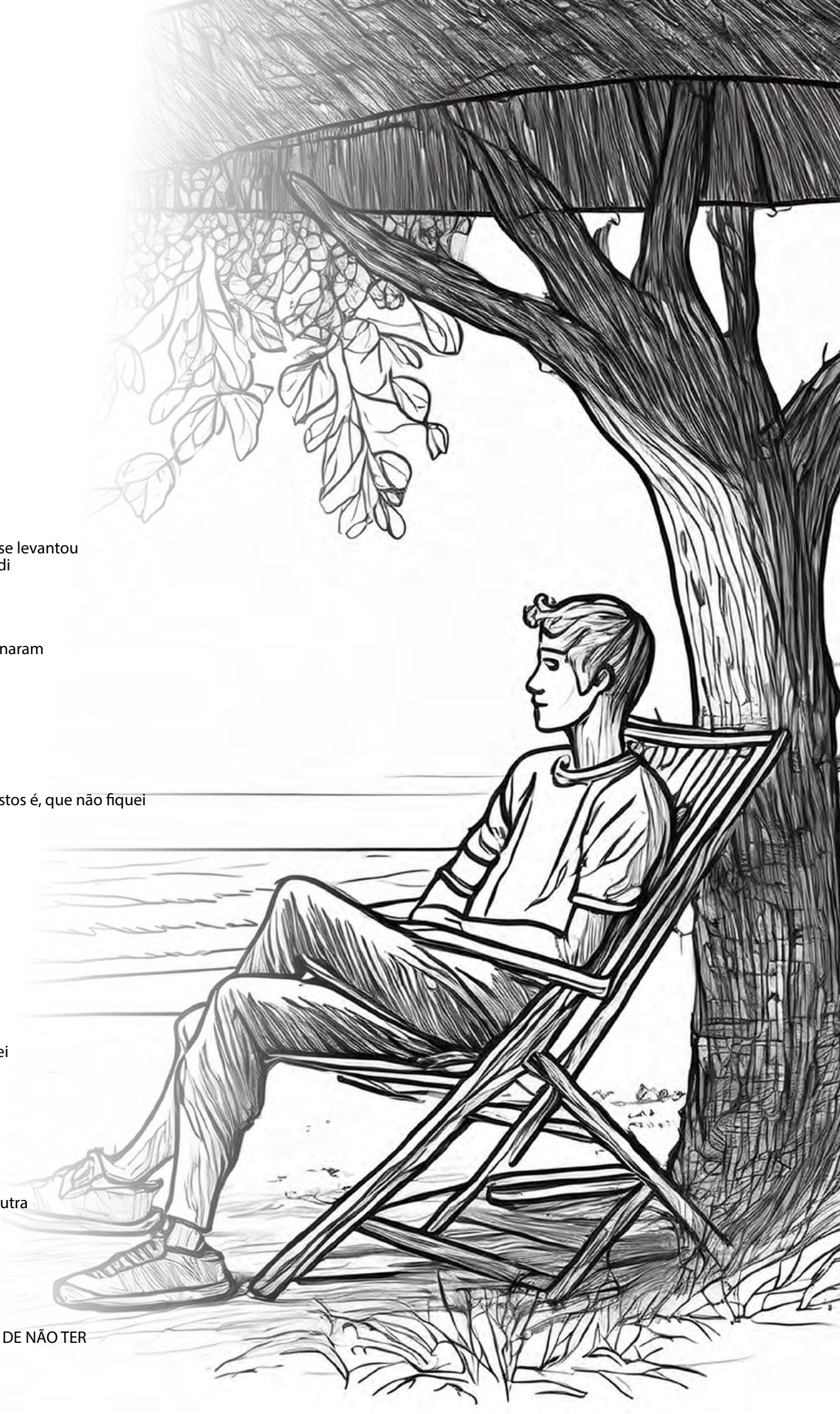
Entre as frestas
Passei
Nas festas
Não me achei
Nos espinhos
Me coloquei
E, da água do cacto
Tomei

Na seca
Me molhei
Na chuva
Me sequei
Na sombra descansei
Mas, logo veio o sol
E, de tão forte
Continuei

Agora
Agora

Pereci
Entre uma fresta e outra
Consegui
Se me arrependi
Esqueci
E, até então...
Estou aqui.

Poesias Wilson Iório
Nome: NA CERTEZA DE NÃO TER
29/12/2025



Fala
Engasga
Pressão
Opressão
Sussurros
Internos
É a alma que entala
Tudo está desconectado

Um grito
Uma expressão
Só para si
É um fato
Falso retrato
No espelho doente riscado,
embaçado pelo tempo

É um casulo
As cascas quê não desprendem
Pele ardente em meio ao quê se diz, valente

Não anda
Engatinha
Se arrasta pelo campos de cactos
Esperando pela morte que não vem

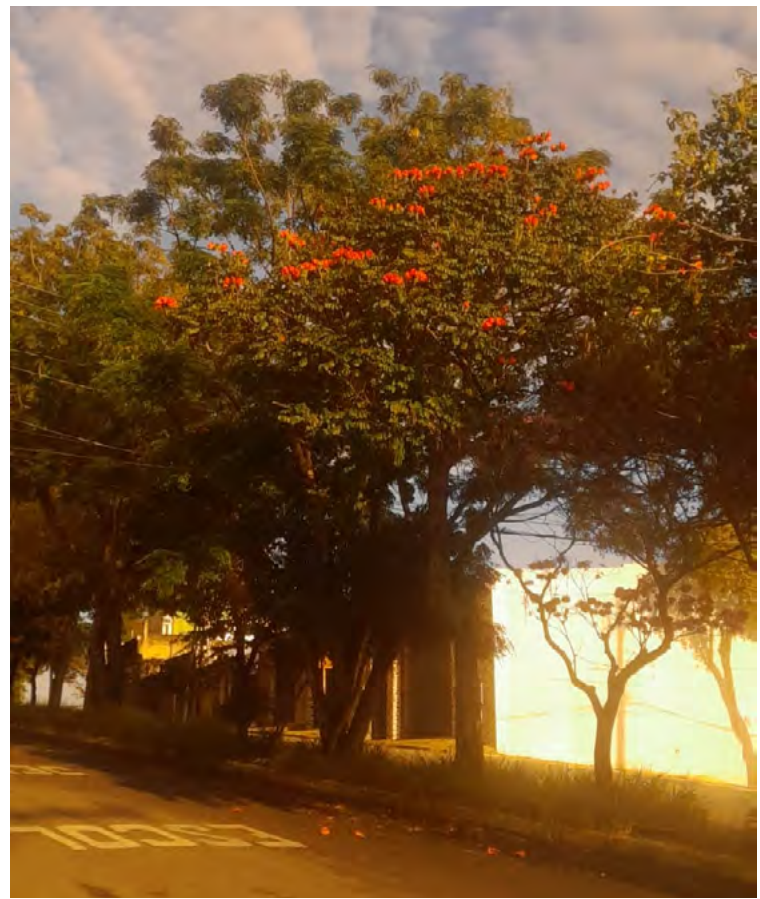
Lamenta por tudo que fez mas, nada fez
Agora se engasga ao falar,
oprime a verdade quê te cobra
Mas, mesmo assim, não acredita em si

Belas notas
Belas regras
Belas histórias
Nem música
Nem uma sintonia
Não há mais no quê acreditar

São só movimento
O globo parece não girar e, você,
com os olhos fechados
Cobre o rosto com as mãos e procura encher gar

A morte não virá
Você se ergue, procura se entender
Como se a tela vasada fosse te protegem
Tenta se redescobrir

Palavras novas
Ideias modernas
Fontes novas com águas escuras



Não consegue degustar o novo

Mas, logo
se enterra na beira da praia
E, só com a cabeça de fora grita por socorro
Não há navio
Não há pessoas
E nem o horizonte consegue te responder

Mas, é a chuva que cai
forte e, entre uma onda e outra
Vem o forte vento e, você,
mesmo sem querer é desenterrado
e de novo se vê obrigado a seguir

Desorientado então, se levanta
Frustrado pois, nem a morte lhe obedece,
mas segue

Segue
Pela praia...

Não tem jeito
É assim que tudo parece ter continuidade,
recomeço, então...
Você Segue.

Poesias:Wilson lirio
Nome: Prossesso de recontratação.
02-04-2026.

FADO

Tu que és a existência, deste nobre povo,
de luta e resistência,
Em que o amor é carência,
E a luta, sua maior valência!

Representa a alma portuguesa,
Canção, melodia melancólica,
de amor e saudade e,
Património da Humanidade!

Foi o olhar para o mar,
Que esta linda gente,
Sentiu o seu chamar,
E seguiu em frente!

No mundo todo colocou
Gente, para evoluir e
ser decente, com trabalho e progresso na mente!

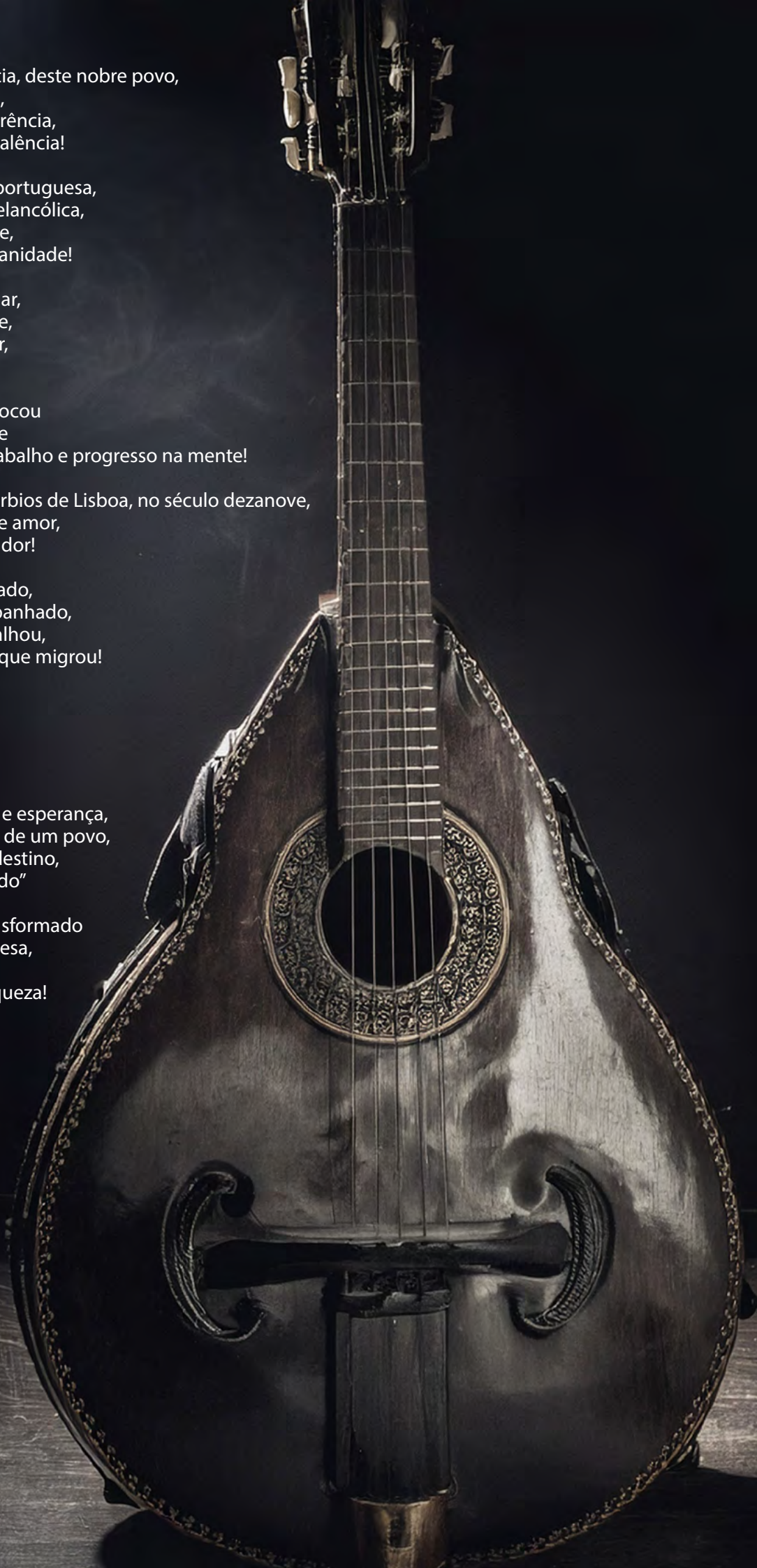
Originário dos subúrbios de Lisboa, no século dezanove,
Fatalidade, destino e amor,
Aceitação de vida e dor!

Por um fadista cantado,
Pela guitarra acompanhado,
Pelo mundo se espalhou,
Levado, pela gente que migrou!

E foi na sinfonia,
Que se fez gente,
E, no seu destino,
Sua fé o fez crente!

Fé e crença, virtude e esperança,
De libertação e sina de um povo,
E pelo seu próprio destino,
Pelo seu próprio "fado"

Reconhecido e, transformado
Em canção portuguesa,
Cultura e herança...
Sendo sua maior riqueza!
Olga Bessa



Como é bom o
acordar!
Ter alguém para lembrar
Que o dia começou
Já amanheceu
E está na hora
De levantar!
De sentir o dia
O sol e o ar puro o
Fresco da manhã e
O céu azul!
As nuvens da cor da prata
Com o vento a soprar
de mansinho e o
rosto acariciar!
Que bom sentir essa
Frescura que nos dá beleza
Revigora a pele
E nos torna mais belas!
A natureza
Essa perfeição
Onde vivemos em comunhão
Do viver do amor
Do estar e
E do ser!!!
Que bom...
Sentir esta liberdade
Que a natureza me dá
Dá me a luz o ar
O vento e o mar
O silêncio e o ruído
E ...
tudo em
Equilíbrio !
Que bom ...
O caminhar na areia
Seca ou molhada
Deixar a minha marca
Para logo ser apagada
Pela água salgada!
Essa maré que gosto
Num vai e vem
Me convida a ceder
Para nela os pés meter!
Que bom ...
De chinela na mão
Vestido ou calção
Deixar me levar
Como se fosse pela
Mão ...
Nesta imensidão !
Que bom...
Ter o sol por companhia
Me ilumina todo o dia
Me aquece e arrefece
E vê o que acontece!
Que bom...
Olga Bessa (autor)
19/02/2024



Desejos

Evandro Valentim de Melo

— ... Morava no mesmo bairro que eu. Comentavam que era coroa virgem, tinha ficado pra titia e que por isso endoideceu. Sabe o que ela fazia?
Fábio negou balançando a cabeça.
— Ficava encostada no muro, do lado de fora do portão da casa. Todo homem que passava, ela convidava pra entrar. Pelo que contavam, nenhum deles jamais aceitou. Como as investidas nunca deram certo, ficou violenta. Chegou a agredir algumas pessoas. Não se sabei quem denunciou, mas ela acabou sendo levada de lá com camisa-de-força. Nunca mais voltou.
— Que história triste! Bem provável ter sido levada para um daqueles manicômios...
— Eu prometi a mim mesma, que jamais aconteceria comigo.
— Vestir camisa-de-força?
— Não, ser coroa virgem.
— Qual a sua idade quando prometeu isso?
— Treze.
— Tão jovem...
— Não demorou muito e dei...
Fábio elevou uma das sobrancelhas.
Lara complementou a sorrir:
— ... Dei o primeiro passo para cumprir a promessa, comecei a namorar. Mas só consegui mesmo, de verdade, anos depois, com o quinto namorado.
— Qual a minha colocação nessa fila? Não responda, deixa pra lá. Tô sentindo um vazio... Deve ser fome.
— O jantar de hoje é com você, ontem eu paguei a pizza. Olha, uma comidinha feita com seu toque especial seria o máximo!
— Qual a barganha?
— Abro meu vinho especial se for para acompanhar um jantar caprichado.
— Pois vamos para a cozinha. E procure o saca-rolhas.
— Vou, mas só pra fazer companhia, nada mais.

— Quando a gente se conheceu, você contou de um namoro terminado dias antes, lembra?
— Lembro mais é do que rolou depois. Eu precisava saciar minha vontade. Você nem resistiu, típico dos homens, todos fáceis.
— Talvez a biologia explique esse comportamento masculino...
— Comentário tão machista...
— Naquela noite, eu já espiava você fazia tempo. Avaliava se minhas chances...
— Eu encarava qualquer um, bastava ser mais ou menos. Carecia aliviar o pé na bunda que eu tinha recebido. Antídoto para a frustração que eu sentia.
— Nossa! Fiquei lisonjeado.
— “Desculpe o auê, eu não queria magoar você” 1 . — Lara cantou desafinada, como sempre.
— Magoei não. Veja só no que deu você me usar para seu alívio.
— Em compensação, depois de você nunca mais precisei de antídoto.
A fragrância do risoto de limão siciliano se espalhou. Lara tornou a cantar 2 :
— “Quando você passa eu sinto seu cheiro, aguça meu faro e disparo em sua caça, iaiá...”. Que tortura! Falta muito pra acabar?
— Só mais uns minutos... Enquanto isso, arrume a mesa.
Lara continuou o canto:
— “... Me abraça e me beija, me chama de meu amor, me abraça e deseja, vem mostrar pra mim o seu calor...” 2 . O jantar merece louça de festa.
Ao levar o prato à mesa, Fábio notou que Lara havia trocado de roupa; trajava vestido de tecido fino, semitransparente, grudado ao corpo, nada por baixo. Ele recebeu dela o saca-rolhas...
“Encerrarei aqui”, decidiu a escritora diante da tela de seu computador. “Fica a quem lê imaginar o restante do conto. Quem me dera ter a vida de Lara e ter um Fábio assim pra dividir a vida comigo...”

=====

(1) Da canção “Desculpe o auê” – Rita Lee

(2) Da canção “Me abraça” – Jorge Xareu e Roberto Moura

UMA NOVA ERA

Dias Campos



UMA NOVA ERA.

O Olimpo voltava ao rebuliço. Era imperioso, sentenciavam, que a alegria fosse novamente semeada sobre a Terra. Afinal, desde Schiller, com sua famosa ode, e Beethoven, com o último movimento da sua 9ª Sinfonia, que esse sentimento não se via proclamado.

As agonias humanas, no entanto, fossem ruidosas ou abafadas, subindo dia a dia às excelsas fronteiras, nelas repercutiam como ferros incandescentes, e suplicavam aos deuses uma tomada de posição. Por isso, as sugestões à próxima investida multiplicavam-se, haja vista o entusiasmo que a todos contagiava.

Ocorre que toda essa exaltação mais embaraçava que contribuía para a escolha da proposta mais adequada à necessidade do momento, e essa falta de unidade já se fazia ouvir no reino de Hades.

Ora, o Deus do Mundo Inferior não se furtou a zombar do seu augusto irmão, comentários esses que depunham contra a sua gloriosa reputação. Daí que Zeus resolveu pôr ordem na casa.

Dessa forma, as propostas, que antes se superpunham umas às outras, tiveram que ser expostas para a escolha do onipotente, o que, é bom que se diga, implicou certo privilégio à ala feminina do Olimpo.

Não obstante essa reserva, as inevitáveis discussões que se seguiram tiveram que ser por ele administradas, e encontraram menos nas concessões que nas imposições os limites que pacificam. Interessante mencionar que tanto essas deliberações, porque acaloradas, como as repreensões que as calavam, porque imperiosas, equiparavam-se a verdadeiros trovões que não raro transpunham o portal de nuvens – entrada do Monte Olimpo, vigiada pelas deusas Estações – e acabavam estrondeando no parnaso, o que deixava Virgílio e Hesíodo de cabelos em pé, os poucos que ainda lhes restavam.

É claro que cada divindade pleiteou serem os seus predicados os mais adequados à semeadura da alegria – salvo Melpômene, a Musa da Tragédia, por motivos óbvios –, o que, em princípio, dificultava a procura no mundo de tantos quantos pudessem servir de instrumentos à sua propagação. E como não se chegava a um consenso, coube à Graça Aglae, A brilhante, terminar essas idas e vindas com um toque de genial simplicidade:

- Deidades! Repitamos a receita, que nos foquemos em todas as artes!

Após alguns segundos de olhares recíprocos, de reflexões e de ilações, a esmagadora maioria dos presentes acabou aderindo a essa sugestão, o que fez com que o supremo juiz a declarasse vencedora.

No entanto, ainda se fazia necessário escolher a quem caberia esta ou aquela ação, e mais uma vez a balbúrdia tomou conta da morada dos deuses.

- Ó deusa Reia – desabafava Zeus a sua mãe –, ajuda-me neste momento de impaciência, pois que esse vaivém parece interminável!

Nesse instante, a Mãe dos Deuses fazia-se anunciar, não por meio de trombetas ou pirotécnicas que, bem sabia, já se haviam reduzido a lugar-comum, mas, sim, por meio dos tonitruantes rugidos dos dois leões que puxavam a sua magnificente biga. E aterrissava triunfal bem perto de onde o concílio de potestades reunira-se.

Só que Reia não vinha só. Teia, sua irmã, a acompanhava. E seus semblantes revelavam um misto de preocupação e esperança. Aquela, porque preocupada com o tempo que corria; esta, por causa da solução que seria apresentada.

Mais que depressa, Zeus levantou-se e foi ao encontro das deusas. E se estava saudoso e solícito, não escondia um tanto de espanto e mesmo de desconfiança ante a presteza com que sua mãe atendera ao seu chamamento.

Depois de cumprimentarem-se – e todos os demais as reverenciarem –, Reia tomou a palavra e

passou a dizer a que vinham:

- Filho amado, deuses do Olimpo, não fostes vós apenas que ouvistes os rogos de quantos choram sobre a Terra. Nós, as filhas de Urano e Gaia, também nos compungimos de suas dores, e não só aplaudimos a intenção de ressemear a alegria como também nos oferecemos para ajudá-los.

- Querida mãe, agradecemos a vossa preocupação. No entanto, falta-me apenas distribuir as tarefas, pois o foco do nosso trabalho já foi delineado. De modo que... – E Reia o cortava:

- Não, meu filho, muita coisa mudou desde Schiller e Beethoven. O materialismo, a desesperança, a falta de oportunidades, a ganância que eleva a mediocridade à posição de primor, e tantos outros cânceres vêm contaminando o espírito do artista, carcomendo o seu ideal e destruindo o seu estímulo. Por isso, não mais bastará uma divina inspiração, como outrora vós fizestes. Neste momento histórico será necessário ir além.

- Prosegui, ó veneranda.

- Os olhos dos mortais, seus espíritos, acomodaram-se nesses últimos séculos. Eles veem, mas não enxergam. E resignam-se com as realidades que são apresentadas.

- Mas?... – Reia, contudo, não o deixou continuar, opondo a palma da mão direita.

- É lamentável constatar que esse triste hábito, se assim posso me exprimir, enraizou-se na esmagadora maioria do gênero humano. É preciso, pois, que nos esforcemos para arrancá-lo. Assim, além de descortinar o que cada artista carrega em si mesmo, o que para vós é trivialidade, será imprescindível que esta realidade seja a eles revelada, a fim de que eles próprios a filtrem e a devolvam cristalina ao seu entorno. Nesse sentido, as potencialidades, as perfectibilidades, o idealismo a guiar o mundo, tudo, enfim, está adormecido nas profundezas dos seus corações. Descubri-os, revelai-os, encorajai-os, e a alegria transbordará, passará a autoalimentar-se, e será disseminada por todo o globo com a força de mil vulcões!

Zeus e os demais já entreviam a sagacidade e a beleza da mensagem que a majestosa senhora trazia. E os sorrisos eram a prova desse vislumbre.

- Começai, sim, – prosseguia Reia – pelas artes. São as vanguardas naturais, as alavancas que revolvem, os estímulos a serem seguidos; tendes a minha bênção. Mas não vos esqueçais do futuro, quadro este que será por nós apontado no devido momento.

- E o que quereis que façamos?

- Estais mesmo dispostos a acatar a nossa proposta, ó Rei dos Deuses?

- E como ousaria eu superpor meu orgulho e vaidade ao vosso desígnio? Não me canso de lembrar, e de dizer, que se não fosse por vós, por vossa amável atitude, a de me esconder no Monte Ida, em Creta, assim que nasci, e eu teria por certo a mesma desventura que tiveram meus irmãos – as entranhas de Cronos.

- Fico feliz com vossa receptividade. Mas não serei eu quem explicará o nosso plano. Vossa tia é quem tem mais qualificativos para explicar o que os deuses deverão fazer; não por isso que também é conhecida por Deusa da Visão. Quanto à distribuição das tarefas, não duvido de que vós bem sabereis a quem confiá-las.

Reia deu a palavra à irmã. Esta dispensou os rapapés e foi logo chamando a atenção:

- Trago comigo estes preciosos utensílios.

E a um estalar de dedos, um soberbo bernal, filigranado em ouro e cravejado de gemas cintilantes, surgiu por detrás da biga e foi pousar defronte à deusa. A essa altura, todos já se haviam achegado para melhor poderem ver. Teia, então, retirou de dentro do saco um exemplar do que trouxera – óculos por ela mesma criados, de um design sublime e cujas lentes, por possuírem graus mágicos, propiciariam uma auspiciosa releitura da vida.

- Como disse – continuava A divina –, será por meio destes instrumentos que cada mortal por vós visitado deixará de ver para enxergar. E porque imperceptíveis à grosseria dos sentidos humanos, basta sejam aproximados das fontes para que os óculos a eles adiram pelo tempo

necessário à autotransformação. Depois disso, desaparecerão, reintegrando-se ao cosmo.

- Bravo! – a aclamação foi unânime e calorosa, tanto que os aplausos e os hurras encontraram-se por um bom tempo.

- Mas como será aos que já usam óculos? – retorquiu Ftono, o Deus da Inveja, com o costumeiro desdém.

- Por terem sido elaborados com a quintessência dos elementos, são imanentes às suas cópias terrenas.

- Ah... – E se calou.

Passada a euforia, Teia e sua irmã resolveram partir. A missão a que se entregaram fora cumprida a contento, e não estavam dispostas à baderna que sabiam viria a seguir.

O primogênito de Reia retomou a palavra:

- Como o objetivo é a ressemeadura da alegria, nada mais lógico que as escolhas recaiam sobre as divindades que a ela se liguem, mesmo que de maneira indireta. De outra parte, o mundo é bem vasto, o que suscita a divisão em grupos, visando à otimização. Assim, passo à escalação, e não admitirei apartes, apelos ou choramingos.

Zeus resolveu bipartir o mundo. Disso resultaram duas equipes: a das três Cárites ou Graças, a quem Homero descreveu na Odisseia como espíritos adoráveis, jovens e belos, e a das nove Musas, as inventoras de todas as artes, como bem lembrou Voltaire, no conto Aventura da memória. Estas comandadas por Apolo, e aquelas, por Afrodite, respectivamente os deuses das belas-artes e da alegria.

Os deuses remanescentes permaneceriam no Olimpo, mas de sobreaviso, e desceriam à Terra caso algum dos enviados precisasse de ajuda.

De outra parte, é certo que em um lugar de delícias nem tudo é trabalho. E como pré-sabiam as parentas de Zeus, uma comemoração majestosa foi preparada em seu louvor. Dionísio, o Deus das Festas, naturalmente assumiu a chefia, e entregou-se ao trabalho com um capricho inusual – o néctar e a ambrosia foram servidos à saciedade; as cornucópias trabalharam até a exaustão. Mas o mestre de cerimônias não parou por aí, e depois de um concerto de líras, foi a vez de Calíope, a Musa da Eloquência, anunciar, com sua trombeta, o recitar de um poema épico. Houve quem sugerisse Ilíada, mas Eneida sempre foi o preferido do homenageado. E puseram-se em silêncio, e cantou a Bela voz.

No dia seguinte, e como acordasse de muito bom humor, Zeus concedeu a Afrodite o privilégio de escolher os Continentes a que sua equipe iria dedicar-se. E como não temesse novos desafios, mas também levando em consideração a diferença numérica entre os grupos, ela e as Graças ficaram com a América e com a Oceania. Apolo muito se alegrou, pois, se era verdade que teria que vasculhar as populosas Ásia e África, a Europa e o helenismo ainda batiam fundo ao seu coração, e era isso que o estimulava sobremaneira.

Resolvida essa última pendência, Zeus achou por bem proferir algumas palavras antes da partida dos enviados; a importância da ocasião o exigia:

- Trabalhai com afinco, ó sementeiros da alegria, pois o futuro dos mortais está em vossas mãos. Dessa forma, não abandoneis os desanimados, não desistais dos malsucedidos, não vos afasteis dos iludidos, e não vos envergonheis dos principiantes. Insisti sempre, sem descanso, pois todos devem ser estimulados no que tiverem de aproveitável. Agora, ide à crosta terrestre; eu vos invisto do meu poder!

O todo-poderoso ergueu os braços e abriu as mãos. E descargas de raios fulgurantes precipitaram-se de suas palmas e foram envolver os emissários em uma espécie de armadura dulcificante, a condição que faltava à plena execução do mandato divino.

Os mensageiros celestes desceram ao orbe cheios de vigor, de ânimo e, sobretudo, de otimismo. Era preciso encontrassem terreno fértil entre os mortais a fim de que as sementes que seriam

deitadas pudessem crescer vigorosas, o que, confiavam, proporcionaria uma safra verdejante, o cêntuplo desde a última colheita.

Na França, por exemplo, Tália, A festiva, encontrou um escritor que já ganhara vários prêmios literários. Apresentava-se, no entanto, não como uma pessoa satisfeita e bem-disposta, mas, sim, como um farrapo vazio e enfermiço. Procurando as causas, compreendeu que esses estados decorriam do universo temático com que o laureado se harmonizava – o abuso da violência, do sofrimento, da podridão e do sexo.

A Musa não pensou duas vezes. Aproveitando a sua nacionalidade, e repleta de compaixão, conduziu-o à biblioteca – leia-se: puxou-o pela orelha –, pousou no seu rosto os óculos de Teia, e, sob o influxo de sua máscara da comédia, inspirou-o a abrir determinada obra de Barthélémy. Deste sobreveio o seguinte pensamento, que despontou como um verdadeiro lenimento: “A alegria é a saúde da alma”.

Uma como metamorfose apoderava-se do seu íntimo enquanto lia e relia a poderosa frase. As lentes mágicas faziam-no enxergar, e com o mais cristalino dos augúrios, que ele deveria lutar para sufocar as suas más tendências, que teria que pelejar para mudar os seus maus gostos, que, enfim, outro fosse o regaço em que seu dom se dessedentasse. Então, não só veria curada a sua alma, como também, e por conseguinte, o próprio corpo ficaria são.

Tália, então, perguntou-se, e com um sorriso jubiloso ante a transformação que testemunhava: - Uma vez restabelecida sua saúde psíquica e física, quantos prosélitos esse novo, agradecido e exultante autor será capaz de arregimentar?

E ela mesma respondia:

- E por acaso é concebível limites à alegria?

Noutra ocasião, em Lisboa, Terpsícore encontrou uma bailarina de uma importante Companhia. Analisando-a, a Musa da Dança aquilatou a sua inquebrantável determinação, a sua absoluta dedicação e o primor de sua técnica. Essas conquistas, contudo, que se consubstanciavam na mais sublime leveza, careciam ainda daquele quê enigmático, daquele plus imponderável sem o qual o primeiro lugar ainda parecia inalcançável.

Diagnosticada a lacuna no íntimo da adolescente, a recente perda da mãe, A rodopiante não precisou mais que dois segundos para arquitetar um meio por que aumentaria ainda mais a eficácia dos óculos mágicos. Dessa forma, viajou até o lar de Morfeu, uma escura caverna decorada com flores, conforme eternizara Ovídio, em Metamorfoses, expôs a sua ideia com muita propriedade, e dele obteve a mais entusiástica adesão.

Ato contínuo, o Deus dos Sonhos, sabedor de que a noite chegava ligeira, largou sobre sua cama de ébano o bilboquê com que costumava divertir-se nos momentos de folga, ofereceu o braço à Musa, que de pronto o aceitou, e foram ambos pedir ajuda a Hélio, a personificação do Sol. Com certeza, a sua quadriga era o jeito mais rápido e iluminante de retornarem à capital lusitana.

O Titã atendeu-os solícito, e em menos de um segundo alcançavam o quarto da alfacinha, que apenas dormitava.

Por sua vez, o filho de Hipnos preparou-se para usar sua divina habilidade – a de tomar a forma de qualquer pessoa, e de assim aparecer no sonho de outrem.

Antes, porém, que a jovem caísse em um sono profundo, a Musa ajeitava os óculos. Os seus olhos físicos cerravam-se; os espirituais, entretanto, começariam a enxergar.

Operada a transformação, e a resplandecência que despontava do reencontro entre mãe e filha configurava-se inimitável até para Apolo, caso o líder das Musas pretendesse reproduzi-la em tela. As lágrimas, excelsas e límpidas, faziam-se vozes, e por alguns minutos tudo falaram. O abraço que se seguiu, caricioso e amalgamado, desconstituía a tristeza filial, ao mesmo tempo em que a substituía pela certeza do convívio. Era assim que a bailarina relia o seu presente, tendo a convicção de que nunca mais ficaria só e para sempre iriam confessar-se.

Como a exultação voltasse a habitar aquele coração florescente, Morfeu dirigiu-se à parceira, num tom que revelava pura ternura:

- Quanto tempo esta dançarina rediviva ainda terá que esperar para chegar ao topo da carreira?

E com os olhos acumulando lágrimas, Terpsícore respondeu:

- Talvez um pouco mais que o necessário para que o âmago de sua arte, a alegria, contagie os milhões de espectadores que passarão a idolatrá-la.

Seguiam, assim, Apolo e as Musas, direcionando aptidões, incentivando atributos, soterrando negativismos, multiplicando a alegria em todas as direções. Nenhum recanto, por mais inóspito que parecesse, era esquecido pelas zelosas divindades. De vilarejo em vilarejo, de cidade em cidade, de país em país, sondavam-se os corações, os talentos, os estilos e os senões. Constatados os pontos que eram dignos de serem aproveitados, e aos eflúvios estimulantes ajuntava-se o poder dos óculos da deusa Teia. E os artistas passavam a enxergar aquilo que antes apenas viam. Daí que moldavam o belo no que era visto como feio, concebiam o ideal naquilo que achavam inatingível, e retransmitiam bem-estar aos que só sentiam insatisfação. A nova maneira com que percebiam a realidade circundante, faziam-na como as plantas ressequidas que, desiludidas, ressuscitam irreprimíveis ante as primeiras gotas de chuva. A semente, executavam-na com transcendental esmero; a colheita, nem os armazéns celestiais comportariam a sacaria!

Com idênticos euforia e zelo, Afrodite e as Cárites desdobravam-se em seus propósitos, presenteando as Américas do Norte e Central com um rastro fulguroso. Aliás, a receptividade exemplar de seus habitantes muito as impressionou, o que facilitou a sua missão, e, por consequência, o alastramento da alegria.

Apesar dessa venturosa acolhida, foi nas terras do Tio Sam que a líder das Graças se deparou com um terrível obstáculo.

Com efeito, ao penetrar o estúdio de uma renomada pintora, cujos quadros já abrilhantaram inúmeros vernissages ao redor do mundo, Afrodite defrontou-se com uma senhora prostrada, um corpo opaco, quase sem vida. Defronte à artista, e sobre um cavalete, um esboço cinzento refletia o pincel que se exauriu. Ao perquirir o motivo de tanta desventura, a Deusa do Amor descobriu que seu único filho sucumbira no campo de batalha, em uma das últimas campanhas encabeçadas por seu país. E como faz um povo, a filha de Zeus condoía-se de tamanha compensação – a pátria perdera um fuzileiro e um herói; a mãe recebeu uma bandeira e uma condecoração.

Afrodite continuou a vasculhar os meandros do espírito dessa pobre mortal e acabou descobrindo quem era o seu pintor predileto. Nesse mesmo instante, um dos símbolos por que a deusa é conhecida, a pomba, materializava-se no peitoril da janela; decerto fora a onipotência de Zeus que a providenciava. À alva visitante coube fazer-se notar, e os conhecidos arrulhos somados aos meneios característicos do pescoço foram mais que suficientes. Assim, bastou à perspicaz Deusa da Beleza acomodar os óculos de sua avó naquele semblante derrotado para que, a pouco e pouco, um simples pássaro transmudasse em mote, e uma nova maneira de enxergar a vida fosse sendo matizada.

Dessa forma, e tal como fizera o seu mestre – Pablo Picasso – no início dos anos sessenta, a mãe artista punha-se ao trabalho, aposentando aquele esboço acinzentado e debruçando-se sobre outra tela, em que a pomba branca da paz vojava fulgurante ao redor de todo o planeta, esclarecendo os equivocados, cativando os indiferentes, e convidando os indecisos a dizerem não ao belicismo, não ao desespero, e não à desolação! E concluía sorridente, de si para si:

- Sim ao pacifismo, sim à esperança, sim ao júbilo! – A bruma dissipava-se; o dom via-se redirecionado.

- Qual será o impacto que a arte desta senhora produzirá nas próximas exposições? – perguntava-se Afrodite – Quantos corações contritos serão refeitos ao se alimentarem do aroma que seus quadros exalarão? Quanta alegria transmitirá às almas sensíveis, e para quantas mais estas a

repassarão?

E mantendo o sorriso, respondia tranquila:

- Só nos cabe aguardar.

E os deuses seguiam confiantes, obsequiosos, vigorosos, deitando sementes aqui, semeando-as ali, espalhando-as acolá. Sempre exultantes de sua missão, e, principalmente, da germinação que presenciavam.

Isso não quer dizer que tudo acontecia como nas lagoas edênicas, onde a calmaria reina absoluta e beatífica. Por vezes os enviados deparavam-se com um e outro artista que, renitentes, mantinham-se enclausurados em suas ruinosas opiniões. Isso implicava uma nuvem espessa e negra que se amoldava em suas cabeças, e que, fazendo as vezes de um capacete, tapava completamente a visão; e esse fenômeno era suficiente para neutralizar a eficácia dos óculos mágicos. Tudo indicava, portanto, que Hades ali estivera, e os presenteara com seu Elmo da Escuridão.

Nesse exato momento, no entanto, Zeus, que tudo vê, fazia-se presente por meio de Hermes, o Mensageiro dos Deuses, que os acudia na velocidade do pensamento. Trazia, das mãos do manquitolá Hefesto, o Ferreiro dos Deuses, o seu martelo, o único capaz de despedaçar o elmo das trevas. Daí que, uma vez reconquistada a luz, e o processo de correção visual seguia o seu curso.

Ocorre que, sem que nenhum dos mandatários olímpicos suspeitasse, ao Novo Continente estaria reservado o papel decisivo a que a alegria se destinara desde o surgimento de Caos, o mais antigo dos deuses. E seria no Brasil o local onde tudo aconteceria.

Afrodite e as Cárites sobrevoavam a zona portuária da cidade do Rio de Janeiro, quando Eufrosina sentiu uma vontade incontrolável de investigar uma favela. O desejo era tão forte que ela simplesmente desgarrou-se do quarteto e desceu a terra. Ora, como voasse na retaguarda, ninguém deu por sua falta.

Quis o destino que ela pousasse exatamente no Morro do Livramento, berço do imortal Machado de Assis, e defronte a uma casa mal-acabada. Do seu interior, vozes infantis, quais trinados demiúrgicos, sobrepujavam o burburinho da ladeira em que a divindade se encontrava e a atraíam como ímãs poderosos.

Mas como recobrasse a plenitude das faculdades, a Graça hesitou em ceder ao estranho fascínio, chegando mesmo a dar três passos para trás. Só não partiu apressada em busca de sua equipe porque os donos das risadas, os Ibêjis, entidades crianças sincretizadas com os santos Cosme e Damião, trataram de dissuadi-la, fazendo-se visíveis, enleando-a em eflúvios calmantes e de confiança, e justificando que, entre todos os enviados, somente a Alegria da alma, por sua própria natureza, é que tinha condições de ouvir o chamamento.

Em seguida, os orixás gêmeos pediram à Graça que entrasse e subisse à água-frutada, onde o real motivo do convite seria esclarecido. Adiantavam, ademais, que os seres humanos só teriam a agradecer.

Mesmo assim, o Sentido da alegria não se deixava convencer, encarando-os em silêncio e esperando um algo a mais.

As entidades, então, apreendendo o seu aguardo, conectaram-se às pressas a uma mente distante, e, com idênticos sorrisos, arremataram:

- A deusa Reia diz: “Não se esqueçam do futuro!”

Foi o suficiente para que a Graça as acompanhasse, e de muito bom grado.

Nesse meio tempo, Afrodite, Aglae e Tália, A verdejante, já procuravam por Eufrosina, mas como esta não respondia a nenhuma mensagem telepática, aquelas começaram a se inquietar. Não que com ela se preocupassem, pois, como deusa, sabiam-na inatingível. É que, como é notório, uma Graça jamais se separa de suas irmãs. O sumiço, portanto, era motivo bastante para muitas interrogações.

Como os questionamentos persistissem, a líder resolveu apelar: Contactou o oráculo de Delfos e dele obteve a orientação precisa de como chegar ao local onde a caçula encontrava-se. E partiram sem demora.

O trio aproximou-se da casinha um tanto resabiado. No entanto, e ao contrário do que supunham, tão logo atravessaram a parede chapiscada, as deusas viram-se envolvidas por uma vibração amena, aconchegante, em tudo semelhante às emanações espargidas pelos Penates do panteão romano. E à medida que subiam a tosca escada, rumo ao quarto improvisado, a sensação de conforto só fazia aumentar.

Ao alcançarem o humilde cômodo, Afrodite e as Graças depararam-se com uma cena em si mesma corriqueira, mas que, na verdade, compreendia um poder incomensurável. Não por isso que o ambiente se revelava como que preenchido de uma indizível aurora e tomado por uma intraduzível fragrância.

Eufrosina embevecia-se com duas crianças que, sentadas na cama, ouviam da avó lindas histórias. A atenção dos pequeninos – um garoto de três e uma menina de dois anos – era tamanha que os olhinhos simplesmente não piscavam! E os sorrisos, ah! os sorrisos... exprimiam todo o deleite que a meiguice, a pureza e a angelitude são capazes de ofertar.

Mas antes que alguma das recém-chegadas pensasse em questionar ou mesmo em interromper esse momento sublime, os Ibêjis para elas se dirigiram, apresentaram-se em baixíssimas e uníssonas vozes, e, afáveis, pediram que aguardassem só alguns minutos a mais, pois um convidado ilustre não tardava, e deste encontro, insistiam, o mundo inteiro poderia beneficiar-se.

Ante a magnitude e utilidade dessa afirmação, as deusas aquietaram-se e puseram-se a sorver das delícias que, profusas e graciosas, inundavam e aqueciam os corações de todos os que ali se encontravam.

Quando notou a presença das irmãs e de Afrodite, a enlevada Graça correu para abraçá-las, ávida por compartilhar de seu contentamento.

Nesse íterim, porém, um espírito luminoso adentrava sorridente. Trazia consigo quatro rosas brancas, vistosas e perfumadas, e que colhiera no próprio jardim, localizado na Alameda dos Imortais, na ala norte dos Campos Elísios. As flores, recebiam-nas com um terno sorriso; os cumprimentos, iniciou-os Coelho Neto, O príncipe dos prosadores brasileiros.

Em seguida, e como permanecesse a curiosidade, Afrodite tomou a iniciativa de interpelar o fundador da cadeira número 2 da Academia Brasileira de Letras sobre em que esse encontro favoreceria o gênero humano. E ele desta forma respondeu:

- Afrodite, ó sagrada por Camões como a protetora dos heróis portugueses, bem sabemos, eu e os que me enviaram, que os deuses para cá se deslocaram porque mais uma vez compadeceram-se dos sofrimentos por que passam os mortais. Mas, pergunto eu, de que vale a nós outros já termos alcançado o empíreo se lá permaneceremos numa eterna e inútil contemplação? De que serviria a solidariedade? E como justificar a felicidade perfeita?

- Nesse sentido – prosseguia o filho dileto de Caxias –, confabulamos nós também e concluímos por esta estratégia: Atraí-las para este recinto bendito para que, compreendendo a razão mesma desta cena, extraíam dela o adubo divino que permitirá transfigurar o planeta numa só lavoura, expandindo excepcional e irrefreavelmente o cultivo da alegria!

Acontecimento inimaginável, fato antológico... Os seres humanos – mesmo que falecidos – e as entidades afro-brasileiras ombreavam com os deuses do Olimpo em prol do bem comum!

- Como assim? – questionou Tália.

- Certa vez, porque devidamente inspirado, alinhabei um pensamento por meio do qual volta e meia sou lembrado. E creio ser ele o melhor dos esclarecimentos: “A criança é alegria como o raio de sol e estímulo como a esperança.”

Alguns entreolhares; muitos sorrisos... E não havia mais o que arguir. Daí que, além de persistirem

nas artes, como meio iniciante de propagação da alegria, o leque teria que ser necessária e rapidamente aberto. Assim, fossem ou não pais, mães ou responsáveis, que todo o ser humano recebesse os óculos de Teia para que passasse a enxergar no presente a maneira de se alcançar um futuro glorioso. Só desta maneira – investindo-se nas crianças, garantindo a sua satisfação física e moral, preservando-as de todos os males, cultivando a sua jovialidade –, é que o mundo edificará e garantirá para si um éden imperecível, onde a alcunha, Vale de Lágrimas, ficará para sempre relegada a uma página dobrada no livro da História.

Os abraços que se seguiram, entremeados de soluços e fios de lágrimas, coroaram aquele instante bem-aventurado, perpetuando-o nos corações dos privilegiados que o puderam contemplar. E depois dos muitos e recíprocos votos de sucesso, Afrodite e as Graças partiram ao encontro de seus companheiros de tarefa.

Reencontrado o outro grupo, e transmitido o ensinamento profundo, Apolo e as Musas encantaram-se com o novo rumo que deveriam tomar. No entanto, antes de recomeçarem a jornada, acharam prudente obterem primeiro a bênção de Zeus; não convinha agissem em desacordo com as orientações do Detentor da Égide. Assim, repletos de otimismo e de autoconfiança, as duas equipes rumaram para o Monte Olimpo, retorno esse que, é forçoso dizer, pegaria o maioral de surpresa.

Amainados os primeiros sobressaltos, e o Deus do Céu era inteirado do sublime contratempo. E como previram, assim se manifestou:

- Que projeto maravilhoso, e ambicioso! Digno dos deuses!... E de quem foi essa ideia extraordinária?

- Na verdade, ó potestade – antecipou-se Apolo, um tanto temeroso –, nenhum de nós poderá dar-se o crédito. As coroas de louros são devidas, sim, aos habitantes do Eliseu.

Zeus contrafez-se. Como, perguntava-se, um intento dessa magnitude não tinha sido idealizado por nenhum dos seus escolhidos?!

O pior é que toda a corte olímpica presenciava o orgulho ferido, e o cognome Deus das Tempestades ainda fazia-se zunir desde a vitória na guerra contra os Titãs.

No entanto, e para espanto de todos, seria a magnanimidade do todo-poderoso que falaria mais alto:

- Quem diria... Mesmo com todos os meus atributos, onividência, oni-isso, oni-aquilo, e, ainda assim, minha mãe e tia descobriram um jeito de me surpreenderem. Bem, mãos à obra! Que nenhum artista seja esquecido; que nenhum mortal fique sem os óculos mágicos; que a alegria seja disseminada à farta e recubra toda a humanidade!

Desta vez, porém, as festividades tiveram que ser adiadas, pois o tempo urgia. Isso deixou Dionísio um tanto melindrado, mas nada que uma taça de vinho e um solo de cítara não remediassem.

E enquanto as duas equipes retiravam-se, Zeus levantou-se do seu trono e arrematou com muita disposição:

- Ah, já ia me esquecendo: Levem consigo quantos deuses precisarem. Afinal, o trabalho vai aumentar, e muito!

A propósito, ainda bem que a deusa Teia já se preparara para este novo desafio. Como confiassem, ela e Reia, que a humanidade toda seria aclarada, tratou de reduplicar a produção dos óculos mágicos e de abarrotá-los nos almoxarifados do Elísio.

Realmente, a Terra despertava para uma nova era, onde o enxergar substituirá o ver, onde os bons valores triunfarão, e onde a alegria reinará absoluta.

Faça uma vaquinha pela ARTE



Com qualquer valor você ajuda a manter nossas edições com distribuição gratuita



D-ARTE

Contribua com nosso projeto



PRÓXIMA EDIÇÃO

#40

dartelondrina@gmail.com

insta @dartelondrina



D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA



Pensamento Livre